



Universidade de Brasília

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

JORGE ELIAS MATTA DE MELLO

MORFEMAS CATEGORIZADORES DA LÍNGUA GUAJÁ

Brasília

2023

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

JORGE ELIAS MATTA DE MELLO

MORFEMAS CATEGORIZADORES DA LÍNGUA GUAJÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Marina Maria Silva Magalhães

Brasília

2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Mm Matta de Mello, Jorge Elias
 Morfemas Categorizadores da Língua Guajá / Jorge Elias
Matta de Mello; orientador Marina Maria Silva Magalhães. --
Brasília, 2023.
 108 p.

 Dissertação(Mestrado em Linguística) -- Universidade de
Brasília, 2023.

 1. Tupi-Guarani. 2. Guajá. 3. categorização. 4. morfemas
gramaticais. I. Silva Magalhães, Marina Maria, orient. II.
Título.

JORGE ELIAS MATTA DE MELLO

MORFEMAS CATEGORIZADORES DA LÍNGUA GUAJÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Marina Maria Silva Magalhães (orientadora)

Universidade de Brasília

Profa. Dra. Ana Vilacy Moreira Galúcio (membro externo)

Museu Paraense Emílio Goeldi

Prof. Dr. Thiago Costa Chacon (membro interno)

Universidade de Brasília

Profa. Dra. Walkíria Neiva Praça (suplente)

Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, professora Marina Maria Silva Magalhães, pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos e por nortear este trabalho com dedicação, paciência e de maneira determinada. À professora Ana Vilacy Galúcio, que contribuiu com suas observações desde a Avaliação do Projeto de Pesquisa, ao professor Thiago Chacon por sua abordagem pertinente no III Encontro de Americanistas no Cerrado, aos professores Andrey Nikulin, por sua inteligência, Spike Gildea, por seu conhecimento monumental e inspirador, e Flávia de Castro Alves, pelos ensinamentos em sua disciplina.

Aos Awa Guajá, que por meio de sua língua e de sua cosmovisão permitiram ampliar significativamente a minha perspectiva sobre o mundo. Às amigas Gabriela Mancin, responsável por me apresentar à professora Marina Magalhães, e Raíssa Neumann, fundamental em momentos difíceis do mestrado. Agradeço aos colegas de pós-graduação que, com suas dúvidas e compartilhamentos, enriqueceram ainda mais a trajetória, Diogo Koga, Kaoru Tanaka, Ji Ae Jang Kim, entre tantos outros. Às alunas e alunos da graduação que cursaram a disciplina de Morfologia no período noturno no 1º semestre de 2022, essenciais para compreender ainda mais, e melhor, o que é ser professor.

Às mulheres da minha família, minha mãe, Maria do Carmo da Matta, que com seu amor e sensibilidade sempre perseverou bravamente de maneira digna em meio a tantas adversidades impostas, à minha avó, Tereza da Penha Sartori, exemplo de bondade e alegria cujo legado se iguala a dos melhores professores que tive. À minha companheira Bruna Rebouças Rozini, que esteve comigo no início do curso, ainda no Maranhão, e foi fundamental para a conclusão, agora em São Paulo, sem ela esta pesquisa não seria possível.

Também agradeço aos professores que foram determinantes para que pudesse chegar à Universidade de Brasília, que se sintam representados pela professora Mônica Aguiar, de quem sempre irei lembrar-me como professora de filosofia, que generosamente se fez presente durante a defesa deste trabalho. Aos mestres, linguistas, antropólogos, pesquisadores mencionados no estudo. Aos filósofos, poetas, literatos, amigos, que, para além da educação formal, sempre estiveram comigo em um constante exercício de clareza.

RESUMO

Este estudo trata da investigação dos morfemas da língua Guajá cuja função é categorizar o mundo em domínios relevantes para seus falantes construindo a referência do nome ou definindo o escopo do evento a partir de uma categoria prototípica baseada em traços de propriedades determinados pela cosmovisão dos Awa Guajá. Utilizando os conceitos de categorização linguística e protótipo, analisamos esses morfemas como constituindo um conjunto de sufixos que definem entidades e eventos em termos do quanto se distanciam ou se aproximam de um protótipo no que diz respeito à dimensão/intensidade (*-hu* e *-'i*) ou a outras características físicas (*-rỹ*) ou mesmo no que se refere a seus traços autênticos quando contrastados com referentes ou eventos similares (*-te*).

Palavras-chave: Tupi-Guarani; Guajá; categorização; morfemas gramaticais

ABSTRACT

This study deals with the investigation of morphemes of the Guajá language whose function is to categorize the world into relevant domains for its speakers, building the reference of the name or defining the scope of the event from a prototypical category based on property features determined by the cosmovision of the Awa Guaja. Using the concepts of linguistic categorization and prototype, we analyze these morphemes as constituting a set of suffixes that define entities and events in terms of how far from or how close they are to a prototype in terms of dimension/intensity (*-hu* and *- 'i*) or other physical characteristics (*-rỹ*) or even with regard to their authentic traits when contrasted with similar referents or events (*-te*).

Keywords: Tupi-Guarani; Guajá; categorization; grammatical morphemes

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
ABSTRACT	7
SUMÁRIO.....	8
LISTA DE FIGURAS E QUADROS.....	10
ABREVIATURAS	11
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – SOBRE OS AWA GUAJÁ.....	19
1.1 Quem são os Awa Guajá	19
1.2 A língua Guajá	26
CAPÍTULO 2 – CONCEITOS FUNDAMENTAIS	30
2.1 Categorização e categorização linguística	30
2.2 Diferença entre morfemas classificadores e morfemas categorizadores	35
2.3 O conceito de protótipo na Psicologia Cognitiva e na Linguística.....	40
CAPÍTULO 3 – MORFEMAS CATEGORIZADORES DO GUAJÁ	45
3.1 Morfemas categorizadores dimensionais: intensificador (INTS) e atenuativo (ATEN)	46
3.2 Morfema categorizador de semelhança (SEME)	58
3.3 Morfema categorizador de autenticidade contrastiva (AUT.CONTRAS).....	63
3.4 Hierarquização entre os morfemas de categorização.....	71
CAPÍTULO 4 – COGNATOS EM LÍNGUAS TUPI-GUARANI	76
4.1 Cognatos em Tenetehara.....	76
4.1.1 Cognatos em Tembé	77
4.1.1.1 O modo de ação intensivo no Tembé	78

4.1.1.2 O modo de ação atenuativo no Tembé	79
4.1.1.3 A função da partícula ran em Tembé.....	80
4.1.1.4 O modo de ação habitual em Tembé	81
4.1.2 Cognatos em Guajajara.....	82
4.1.2.1 O modo de ação intensivo no Guajajára	83
4.1.2.2 O modo de ação atenuativo no Guajajára	84
4.1.2.3 A função do sufixo (-ran) no Guajajara.....	85
4.1.2.4 O modo de ação habitual em Guajajára	86
4.2 Cognatos em Tapirapé	87
4.2.1 Sufixo intensivo (-'o) no Tapirapé	88
4.2.2 Sufixo atenuativo (-'i) no Tapirapé	90
4.2.3 Sufixo de similaridade (-ryn) no Tapirapé	92
4.2.4 Sufixo intensificador (-ete) no Tapirapé.....	93
4.3 Cognatos no Kamaiurá	93
4.3.1 O aumentativo (-u) no Kamaiurá.....	94
4.3.2 O diminutivo (-i) no Kamaiurá.....	95
4.3.3 O diminutivo (-pĩ) no Kamaiurá.....	96
4.3.4 O sufixo de semelhança no Kamaiurá	96
4.3.5 O sufixo aumentativo (-ete) no Kamaiurá	97
4.4 Cognatos em Kawahiva.....	97
4.5 Interpretação dos morfemas cognatos como modificadores ontológicos.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1: Diagrama de conjuntos de inclusão	42
Figura 2: Diagrama de conjuntos de intersecção.....	42
Quadro 1 – Morfemas categorizadores do Guajá e seus alomorfes	45
Quadro 2 – Partículas indicadoras de modo de ação em Tembé.....	77
Quadro 3 – O morfema <i>ran</i> em Tembé	80
Quadro 4 – Partículas indicadoras de modo de ação em Guajajára.....	83
Quadro 5 – O morfema <i>-ran</i> em Guajajára.....	85
Quadro 6 – Sufixos transcategoriais em Tapirapé.....	88
Quadro 7 – Sufixos derivativos em Kamaiurá.....	94
Quadro 8 – O aumentativo (<i>-u</i>) no Kamaiurá.....	94
Quadro 9 – O diminutivo (<i>-i</i>) no Kamaiurá.....	95
Quadro 10 – O diminutivo (<i>-pî</i>) no Kamaiurá.....	96
Quadro 11 – O sufixo de semelhança no Kamaiurá	96
Quadro 12 – O sufixo aumentativo (<i>-ete</i>) no Kamaiurá	97
Quadro 13 – Sufixos cosmológicos em Kawahiva segundo Denófrío (2013)	98
Quadro 14 – Os operadores ontológicos em línguas Tupi-Guarani	101

LISTA DE ABREVIATURAS

1	primeira pessoa
13	primeira pessoa plural exclusiva, 'nós, nos'
1SG	primeira pessoa do singular
2	segunda pessoa
23	segunda pessoa do plural
2IMP	2ª pessoa do singular do modo imperativo
2SG	segunda pessoa do singular
3	terceira pessoa
ADIT	conjunção aditiva
ANT	anterior
APREC	apreciativo
ARG	caso argumentativo
ATE	atenuativo
ATEN	sufixo atenuativo
ATN	atenuativo
AUT.CONTRAS	sufixo de autenticidade contrastiva
C.D	conectivo discursivo
CC	causativo comitativo
CL	classificador
COM.EXP	partícula de contra-expectativa
CONCLU	conclusivo
CONJ	partícula conjuntiva aditiva
D.E	demonstrativo espacial
DAT	dativo
DEIT	dêitico
DEM	demonstrativo
DUB	dubitativo
EXOR	modo exortativo
FIN	sufixo de finalidade
FOC.CONTRAS	partícula de foco contrastivo
FUT	futuro
GER	gerúndio
HAB1	habitual 1
HAB2	habitual 2

HAB3	habitual 3
HAB4	habitual 4
I	série I
II	série II
IMP	imperativo
IMPERF	partícula de aspecto imperfectivo
IMPF	imperfeito
INDII	indicativo II
INF	inferencial
INT	intensivo
INT1	intensivo 1
INT2	intensivo 2
INT3	intensivo 3
INT4	intensivo 4
INT5	intensivo 5
INT6	intensivo 6
INTERJ	interjeição
INTNS	intensificador
INTS	sufixo intensificador
LK	<i>linker</i> ou prefixo relacional
LOC	sufixo de caso locativo
MUD	partícula de mudança
NEG	negação
NOM6	nominalizador 6
NOM9	nominalizador 9
NZR	afixo nominalizador
PERF	partícula de aspecto perfectivo
PL	plural
PLU	partícula pluralizadora de sujeito
POS	posposição
POSS	partícula epistêmica de possibilidade
PROJ	partícula de aspecto projetivo
R	relacional
R	prefixo relacional
R ¹	prefixo relacional de referente contíguo
R ²	prefixo relacional de referente não contíguo
R ⁴	prefixo relacional genérico e humano
REDUP	reduplicação

REF	referencial
REFER	referenciante
REFL	reflexivo
RLZ	aspecto realizado
SEME	sufixo similitivo
SEME	sufixo derivativo de semelhança
SG	singular
SI	similaridade
SIMIL	partícula epistêmica similitiva
SUB	subjuntivo
TOT	partícula totalizadora
TRANS	sufixo de caso translativo

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa faz parte de um projeto mais amplo de estudo da língua Guajá que tem por objetivo investigar a categorização das referências na língua cotidiana e sua variedade xamânica, a “língua” dos Karawara. Este estudo trata especificamente da investigação da variedade cotidiana no que tange aos morfemas que organizam o sistema da língua por meio de taxonomias resultantes da sufixação de morfemas cuja função é categorizar o mundo em domínios relevantes para seus falantes.

De maneira geral, a categorização tem sido definida como o processo por meio do qual os seres humanos agrupam entidades semelhantes, sejam elas categorias humanas, animais, objetos em classes específicas. A concepção clássica considera que as categorias são fixadas em termos de uma conjunção de características suficientes e necessárias, que elas são providas de limites definidos, que os elementos de uma dada categoria possuem ou não determinado atributo e que todos os elementos pertencentes a ela são equivalentes.

No entanto, a teoria clássica tem sido desafiada em todos os ramos da Ciência Cognitiva, sendo o debate sobre a natureza e a estrutura das categorias também crescente no âmbito da Psicologia Cognitiva. Para Lakoff (1982, p. 27), por exemplo, a questão da categorização permeia toda a ciência cognitiva e o cerne está em saber que tipo de teoria de categorização é empiricamente adequada. Ele sustenta que parte do que é “percebido como similar” é constituído por ligações definidas por relações de imagem, metáforas conceituais e modelos cognitivos idealizados com base cultural. Já Rosch (1978, p. 28) propõe que a tarefa dos sistemas de categoria é fornecer o máximo de informação com o menor esforço cognitivo e que o mundo percebido vem como informação estruturada e não como atributos arbitrários ou imprevisíveis.

Tais questões serão tratadas no capítulo 1, mas é importante ressaltar que, para o propósito deste trabalho, a categorização é interpretada como um processo cognitivo próprio do ser humano por meio do qual é possível associar o universo físico exterior com o universo psicológico interior dos falantes, permitindo que a variabilidade existente no mundo seja reduzida a proporções controláveis (REGÚNAGA, 2012, p. 13). Nesse processo, cada língua e cada cultura imprime sua visão de mundo.

A língua Guajá, falada pelos Awa Guajá, integra o Tronco Tupi e pertence ao subgrupo VIII da família linguística Tupi-Guarani, que inclui também o Takunyapé, o Urubu-Ka’apor, o

Wayampí, o Wayampipukú, o Emérillon, o Anambé e o Zo'é (RODRIGUES & CABRAL, 2012). Nessa língua, as raízes nominais podem ser associadas a outros morfemas lexicais ou a morfemas gramaticais, e o conjunto de elementos resultante dessas associações, conforme nossa análise, compõe uma determinada categoria com seus respectivos membros, sendo a forma não marcada o membro central de uma categoria. A especificação de um membro da categoria por meio da composição morfológica entre duas raízes, sendo a primeira nominal e a segunda verbal estativa ou nominal, associa o elemento não marcado com morfemas lexicais que vão especificar uma característica do referente, como cor, formato ou um atributo marcante: branco, preto, claro, pintado, listrado, que tem asa etc, como nos exemplos a seguir:

(1) *jawa-peperemuhū*

onça-ser.pintado

‘onça pintada’ (Magalhães, dado inédito)

(2) *jawa-pirỹ*

onça-ser.vermelho

‘onça vermelha’ (Magalhães, dado inédito)

(3) *miha-tỹ*

ingá- ser.achatado

‘ingá chato’ (Magalhães, dado inédito)

(4) *pira-xĩ*

peixe- ser.prateado

‘piratini’ (peixe prateado) (Magalhães, dado inédito)

- (5) *pira-papo*
 peixe-asa
 ‘sardinha (peixe-(de)asa)’ (Magalhães, dado inédito)

Assim, *jawapeperemuhũ* ‘onça pintada’ em (1) e *jawapirỹ* ‘onça parda’ em (2) são membros da categoria cujo representante central é *jawa(ra)* ‘onça’, o membro não marcado. Da mesma forma, *mihatỹ* ‘ingá-chato’ em (3) é membro da categoria cujo representante central é *miha* ‘ingá’ e *piraxĩ* ‘piratini ou lit. peixe prateado’ em (4) e *pirapapo* ‘sardinha ou lit. peixe-de-asa’ em (5) são membros da categoria *pira* ‘peixe’.

Além dessa forma produtiva de subcategorizar os referentes, isto é, a partir de um processo de composição que cria de novos itens lexicais de maneira ampla, a língua Guajá também possibilita a inserção de membros dentro de uma categoria a partir da associação às raízes não marcadas de morfemas gramaticais específicos, como ilustrado nos exemplos a seguir:

- (6) *jawar-uhu*
 onça-INTS
 ‘onça grande’ (Magalhães, dado inédito)
- (7) *pira-’i*
 peixe-ATEN
 ‘piabinha’ (lit. peixe pequeno) (Magalhães, dado inédito)
- (8) *xahu-rỹ*
 queixada-SEME
 ‘porco doméstico’ (lit. semelhante ao queixada) (Magalhães, 2007, p. 165)

Assim, *jawaruhu* ‘onça grande’, em (6), é membro da categoria cujo representante central é *jawa(ra)* ‘onça’, o membro não marcado; *pira’i* ‘piabinha ou lit. peixe pequeno’, em (7), é membro da categoria *pira* ‘peixe’ e *xahurỹ* ‘porco doméstico ou lit. semelhante ao queixada’, em (8), é membro da categoria *xahu* ‘queixada’.

A hipótese que defendemos e evidenciamos neste trabalho parte do princípio de que há no Guajá raízes nominais não marcadas que funcionam como os elementos centrais de uma categoria. Tais raízes, como acabamos de ilustrar, podem ser associadas a morfemas lexicais ou a morfemas gramaticais, e o conjunto de elementos resultante dessas associações compõe uma determinada categoria com seus respectivos membros, sendo a forma não marcada o membro central que contém as características prototípicas da categoria.

O foco deste trabalho será a descrição e análise do processo de categorização que envolve apenas os morfemas gramaticais, denominados por nós de morfemas categorizadores. Tais morfemas, parte deles ilustrada nos dados de (6) a (8), também ocorrem associados a raízes verbais, o que nos permite estender sua função para não apenas categorizadores de referências, mas também como categorizadores de eventos, conforme será apresentado mais detalhadamente no capítulo 3.

Desse modo, para que seja possível inferir uma relação entre os referidos e a cosmologia Awa Guajá, analisamos detalhadamente a função de tais elementos na língua cotidiana, em distintos contextos discursivos e a partir da visão de mundo de seus falantes, associando os dados coletados com as teorias da categorização e da categorização linguística (TAYLOR, 1995), da classificação como reflexo da mente e da cognição (LAKOFF, 1982), da psicologia cognitiva (ROSCH, 1978), da Teoria do Protótipos associada à categorização (GIVÓN, 1986) e da Relatividade Ontológica (FOLEY, 1997). Além disso, um levantamento dos sufixos cognatos e suas funções em línguas aparentadas também será apresentado neste estudo para fins de comparação.

Os morfemas do Guajá a serem aqui descritos em sua forma e função ajudam a construir a referência de uma entidade expressa pelo nome, ou o escopo do evento ou do estado verbal a partir de um fundamento semântico baseado em traços de propriedades; por isso sua função é categorizadora. Constituem um conjunto de sufixos que definem entidades e eventos em termos do quanto se aproximam ou se afastam de um protótipo não marcado no que tange à dimensão ou a outras características não explícitas, ou permitem que os traços característicos dessas

entidades ou eventos/estados sejam contrastados com outros inferidos no contexto discursivo, como será detalhado ao longo do trabalho.

O conjunto dos morfemas é formado pelos sufixos *-hu*, *-'ĩ*, *-rỹ(n)*, *-te* (e seus respectivos alomorfes, conforme será especificado no capítulo 3) e sua função é agrupar entidades e eventos interpretados como semelhantes e estabelecer uma relação entre elementos categorizados numa perspectiva cultural Awa Guajá, sempre tomando como referência um ente ou evento não marcado, sendo ele o elemento prototípico, promovendo uma variação no limite das margens da categoria.

Para que essa análise seja compreendida, a dissertação será subdividida em quatro capítulos, que tratarão do povo Awa Guajá e sua língua (capítulo 1), dos conceitos fundamentais (capítulo 2), dos morfemas de categorização do Guajá (capítulo 3) e dos cognatos em línguas Tupi-Guarani (capítulo 4).

A investigação aqui realizada tem cunho funcionalista por conceber a linguagem como um instrumento de interação social, buscando no contexto discursivo a motivação para a estrutura gramatical da língua. Nesse sentido, procuramos, ao longo da análise, explicar a regularidade observada no uso interativo dos morfemas categorizadores da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso.

Sobre a metodologia, esta pesquisa é de cunho qualitativo, uma vez que se trata de investigação descritiva e explicativa que visa, através da análise de dados da língua, identificar a função dos morfemas na categorização das referências e eventos.

Além disso, a investigação tem caráter bibliográfico, já que utiliza como fonte material publicado, como artigos científicos, dissertação e tese sobre a língua, mas também apresenta dados ainda inéditos coletados em campo pela orientadora. A investigação bibliográfica estende-se também a materiais publicados sobre o tema a respeito de outras línguas da família Tupi-Guarani como o Tembé, o Guajajara, o Tapirapé, o Kamaiurá e o Kawahiva, em busca de abordagens que tratem de morfemas cognatos e suas respectivas funções.

CAPÍTULO 1 – SOBRE OS AWA GUAJÁ

1.1 Quem são os Awa Guajá

Os Awa Guajá habitam a parte oriental da Amazônia Legal, mais especificamente o noroeste do estado do Maranhão, nas bacias do Rio Pindaré e Gurupi. Estão distribuídos em quatro aldeias (Cocal, Tiracambu, Awá e Juriti) nas TIs Alto Turiaçu, Awá e Caru, além de registros de grupos isolados na TI Araribóia. O contingente populacional é formado por aproximadamente 520 pessoas (GARCIA E MAGALHÃES, 2021).

Estima-se que em 1500, antes da chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, os Awa Guajá eram cerca de 2 mil indivíduos (HEMMING, 1978). Presume-se também que a origem seja o que é hoje o sudeste do estado do Pará, entre o rio Araguaia e o baixo curso do rio Tocantins. De acordo com Forline e Pozzobon (2006), formavam um conjunto Tupi-Guarani maior naquela região, junto com os Ka'apor, Tembé e Guajajara. Na medida que a expansão colonial foi exercendo pressão sobre esses grupos, houve dispersão e eles migraram em direção ao leste, rumo ao Maranhão.

Supõe-se que desde os últimos 150 anos o grupo esteja na região, que tem como limite o Rio Gurupi à oeste, o Oceano Atlântico ao norte, o alto curso dos rios Pindaré, Grajaú e Gurupi ao Sul, e, à leste, a margem esquerda do Rio Mearim. Gomes e Meirelles (2002, apud GARCIA, 2018) consideram a possibilidade de a região da Terra Indígena Araribóia ter sido o centro de um grande território Awa Guajá. Os autores observam que tanto as áreas de serra na TI Araribóia quanto as elevações próximas foram ocupadas tendo em vista o baixo “interesse agrícola” das terras para povos como os Ka'apor e os Tenetehara. Os Awa Guajá nunca moraram próximos a rios navegáveis, sempre preferiram as áreas de topo e de igarapés, foi perto deles que se sentiram mais seguros, dado o isolamento e o fácil acesso à água.

De acordo com Garcia (2018), os Awá em si passaram quase que invisíveis para o Estado brasileiro na história social do leste amazônico e até a década de 1970, pouco ou nada se sabia sobre eles. O processo de contato teve início em 1973 por meio de expedições realizadas pelos sertanistas José Carlos Meirelles, Florindo Diniz e Jairo Patusco. Mas a aproximação que produziu efeitos só ocorreu em 1976, no alto curso do Rio Turiaçu, com o grupo que originou o que hoje é a aldeia Cocal (antigo Posto Indígena Guajá). A experiência não foi positiva para os Awa Guajá, tendo resultado em queda populacional significativa. Os primeiros contatos com os não índios resultaram em enfermidades seguidas de morte. A

população da TI Alto Turiaçu, por exemplo, foi reduzida de 91 para 25 indivíduos entre 1976 e 1980.

Os Awa Guajá que vivem nas aldeias são considerados como um povo de “recente contato” e por isso estão sob a tutela do Estado. Em 1985, ocorreu o início da identificação da TI Awá, que interliga as TIs Caru e Alto Turiaçu, e foi destinada ao uso exclusivo desse povo. No entanto, até a desintrusão completa, em 2014, estava invadida por centenas de ocupantes ilegais, entre eles fazendeiros, posseiros, madeireiros e pequenos agricultores. Mesmo após um longo processo de retirada dos antigos ocupantes ilegais, os invasores da TI Awá voltaram ao território nos últimos anos, implementando novamente a criação de gado e o cultivo de mandioca para a produção comercial de farinha.

Conforme relatórios da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), documentações dispersas e, sobretudo, relatos dos Guajajara, estima-se que existiam em 2019 ao menos 60 Awa Guajá não contatados na TI Araribóia, que abriga mais de 14 mil pessoas do povo Guajajara (GARCIA e MAGALHÃES, 2021). Há também registros de grupos isolados que vivem entre as TIs Awá e Caru. Pouco se sabe, no entanto, sobre a maneira como se organizam e quantos grupos são. Devido à grande mobilidade e por estarem constantemente fugindo de madeireiros, narcotraficantes, pequenos posseiros e outros invasores, é difícil ter certeza sobre a localização e o número exato.

A trajetória desse povo é marcada por genocídios e pela violência. A BR-222, nos anos 1960, e a Estrada de Ferro Carajás, na década de 1980, cortaram ao meio o território tradicional. A ferrovia atraiu populações migratórias para a região criando povoados ao longo do percurso. Apesar da resiliência, os impactos irreversíveis dessas políticas são notáveis. As fugas vividas pelos Awa Guajá ocorreram devido ao avanço dessas frentes que recebiam apoio do governo. O discurso oficial sustentava que não havia povos indígenas na região, mas, sim, um vazio demográfico. Além de invasões nas áreas indígenas, o barulho dos trens afasta os animais de caça. Para os Awá, o silêncio e a atenção são atitudes fundamentais para se viver na floresta. Porém, com a construção da ferrovia, essa experiência tem sido modificada. O projeto de duplicação também resultou no aumento das pressões de madeireiros e invasores sobre os territórios indígenas que, até hoje, sofrem com incêndios criminosos, como os ocorridos em 2015 que afetaram 57,5% da TI Awá.

Em 2017, restavam apenas 25% da floresta amazônica maranhense, o equivalente a 24,7 mil km², houve desmatamento de 75%, provocando danos sociais, econômicos e ambientais.

As principais atividades econômicas na região são o corte de madeira, a produção de carvão vegetal, o desenvolvimento da agropecuária e as plantações de eucalipto, o que acarreta danos irreparáveis aos povos indígenas.

Ainda de acordo com a pesquisa de Garcia (2018), a porção de floresta amazônica no Maranhão é uma região com alto Índice de Pressão Antrópica (IPA), parâmetro que calcula a situação atual da ação humana sobre o bioma. Os territórios dos Awá estão nas últimas parcelas de floresta tropical parcialmente preservadas do estado e formam um corredor verde junto com a Reserva Biológica do Gurupi, a única Unidade de Conservação de proteção integral na Amazônia Maranhense.

Estudo realizado em 2019, pelo Instituto Socioambiental e pelo *Joint Research Centre*, aponta que nas Terras Indígenas habitadas pelos Awa Guajá, 92% da floresta remanescente está degradada, ao passo que a TI Araribóia, palco de diversos assassinatos de lideranças Guajajara, 38% da floresta remanescente está comprometida. Os Awá, ao lado de outros povos, estão ameaçados pela destruição ambiental e pela violência que vem no lastro das atividades ilegais.

A capacidade de os Awá viverem em pequenos grupos na floresta contribuiu para que pudessem preservar o direito à vida e a manter-se protegidos, em certa medida, dos não índios durante todo o século XX. Diante da necessidade de estarem permanentemente em fuga, grupos se dispersaram na mata e muitos deles somente voltaram a se encontrar com a implementação das aldeias permanentes. Não por acaso, ainda persistem diferenças dialetais entre os grupos locais que vivem nas quatro aldeias do povo Awá.

A vida na floresta continua sendo fundamental. A mata é um local *haxỹ* "fresco" e *parahỹ* "bonito", "bom", "perfeito", diferentemente da aldeia que dizem ser *haku* "quente" e *manahỹ* "desagradável", "imperfeita". No verão, especialmente, as aldeias viram base para suas incursões de caça, principal atividade produtiva. Os Awá caçam e dormem na mata e passam longas temporadas na floresta.

De acordo com Garcia (2018), a caça ainda é a principal atividade, não só em termos de subsistência, mas especialmente em aspectos existenciais. Trata-se de uma prática que diz muito sobre suas concepções acerca da vida. Esse povo é denominado genericamente de "caçador-coletor", uma categoria arbitrária para se referir a populações cujo sustento está baseado na caça, na pesca e na coleta de produtos e materiais disponíveis na floresta, não dependendo, portanto, de uma prática agrícola. Muitos povos "caçadores-coletores" podem até plantar, mas

não baseiam a sua vida exclusivamente aos ciclos agrícolas, com calendários associados aos trabalhos nos roçados e jardins.

Forline (1997) realizou um estudo sobre o tempo alocado pelos Awá em suas diversas atividades cotidianas e demonstrou que a caça é aquela que ocupa mais tempo. Comer o animal correto é fundamental para a boa formação do corpo; ele se fortalece com a ingestão farta e constante de carnes de caça. Por não fazerem estoques, os indígenas saem diariamente para caçar.

As aldeias parecem pontos de chegada e parada do mato, pois o que há de bom na vida, acontece na mata. Uma caçada curta não dura menos que seis horas e, em média, fica-se aproximadamente dez horas na floresta para ter o mínimo de sucesso nas saídas. As caçadas podem ser executadas com espingardas, arco e flechas e armadilhas. São realizadas de diversas maneiras: individuais; em casal; com grupos de irmãos, cônjuges e filhos; caçadas de jornada diurna ou esperas noturnas; até mesmo grandes caçadas coletivas, que podem mobilizar boa parte de uma aldeia. Por serem compreendidos como aspectos importantes, os tipos de animais caçados (*hama'a*, “minha caça”), as atitudes dos caçadores e sua saúde e vitalidade são temas que sempre surgem relacionados nos relatos dos Awá.

Os Awá têm uma atenção acústica desenvolvida a ponto de, muitas vezes, dispensarem o apoio da visão em caçadas noturnas sem lanterna. À espera de animais na madrugada, são capazes de distinguir a espécie de um animal e outras características, como o peso e sexo, ao escutar a passada ou mesmo ao sentir um odor característico.

Ao fim das caçadas, além de comida, os Awá costumam voltar com diversos filhotes para presentear suas filhas e esposas. As aldeias são repletas de animais e, muitas vezes, podem chegar a ultrapassar o número de moradores humanos. São macacos, jacus, quatis, jacamins, cotias, pacas, tartarugas, porcos e até filhotes de onça criados pelas mulheres, crianças e, em alguns casos, pelos homens. Esses animais têm um ciclo de vida na aldeia, desde a captura até a soltura após determinada idade. Macacos adultos, com cinco ou seis anos podem se tornar violentos e atacar as crianças e por isso não devem conviver no mesmo espaço.

Ao longo dos anos, a agricultura tem sido introduzida nas aldeias pela Funai, principalmente o cultivo de mandioca, macaxeira, milho, arroz, abóbora, feijão e frutas. Também é a Funai que organiza os trabalhos com as comunidades. Trabalhadores temporários são contratados para auxiliar os Awá em suas roças e o sistema de trabalho é o mesmo adotado pela tradicional agricultura de “corte e queima” maranhense (FORLINE, 1997).

Entre os Awá, nenhum dos subprodutos de uma “agricultura tradicional indígena”, como o fumo é encontrado, o beiju e as bebidas fermentadas, tal como se vê entre outros povos amazônicos e povos horticultores Tupi. Tradicionalmente, os alimentos, como os méis, os frutos como pequis, cupuaçu, bacuri, bacaba e inajá, vêm da floresta.

Até os contatos oficiais com a Funai, a farinha de mandioca era desconhecida. Essa farinha é, para eles, uma comida dos não índios. Uma das histórias contadas sobre os primeiros contatos é que muitos dos Awá se recusavam a comer farinha, pois acreditavam se tratar de um tipo de terra. Mesmo que hoje em todas aldeias se pratique a agricultura, a caça continua sendo uma atividade fundamental. Os indígenas estão dispostos a abandonar os trabalhos nas plantações para procurar rastros de uma vara de porcos ou de um bando de guaribas na floresta.

Embora a pesca seja amplamente praticada, tradicionalmente é uma atividade menos desenvolvida. Os Awa Guajá não possuíam canoas ou técnicas avançadas para a captura de peixes, como armadilhas ou represas. Apesar de os peixes não serem sua preferência alimentar, os rios e igarapés fornecem também carnes de uma espécie de jacaré (*jakare*) e de poraquês (*manaky*). Além desses, a capininga (*jaxajhua*), um quelônio habitante dos lodos nos igarapés, é muito apreciada.

Sobre a organização das famílias, elas são como unidades autônomas e cada chefe é uma espécie de líder (*tamỹ* ou *xipa tamỹ*) em potencial. Portanto, não faz sentido falar em uma liderança que represente o “todo”, o “povo” ou a “sociedade *awa*”. Embora o coletivo possa ser articulado em contextos específicos, logo se dissolve em uma organização social descentralizada. A noção de liderança assume um sentido específico: aquele que consegue convencer os demais com suas palavras ou empolgação em relação a determinada tarefa.

Em todas as atividades, nos mais diversos aspectos da existência, os *tamỹ* são evocados. A “chefia” entre os Awá não se baseia em acordos ou consensos fomentados por um único indivíduo, logo a figura do cacique não existe. Mesmo as pessoas que são chamadas em português de “lideranças”, têm suas funções mais próximas às dos interlocutores, que fazem mediações ou traduções entre realidades políticas diferentes. Não há chefes com poder coercitivo ou capaz de organizar toda uma aldeia.

No que tange à cosmologia Awa Guajá, o eixo céu e terra é um dos aspectos fundamentais para o entendimento do mundo, assim como para a maioria dos grupos Tupi-Guarani. A terra “*wya*”, local onde vivem os humanos, é apenas uma pequena parte do universo. Há diversos *iwa* “céus”, onde habitam os mortos e outros seres celestes, como os *karawara*. Os

patamares celestes são incontáveis e os humanos não sabem ao certo quantos níveis existem sobre a terra. Durante o ritual da *takaja*, os homens têm a experiência de subir ao céu (*ohi iwa pe*) e podem visitar outras aldeias celestiais, subindo mais dois ou três níveis. A cosmografia Awá também faz referência a um mundo subterrâneo, igualmente denominado *iwa*, onde habita uma outra humanidade, sobre a qual os humanos da terra pouco sabem. O cosmos atual é compreendido como resultado da separação de um mundo anterior, no qual o céu, a terra e o subterrâneo eram muito próximos. Como em diversas sociocosmologias tupi, os Awá se referem a uma histórica separação entre as camadas cósmicas, cujo resultado principal foi a diferenciação entre os habitantes da terra.

A humanidade foi criada por Maíra, o herói cultural. Sozinho no mundo, produziu a partir de um tronco de árvore a primeira mulher na terra. Com o seu surgimento e a consequente gravidez, inicia-se um ciclo a partir do nascimento de dois meninos gêmeos, os filhos dos heróis, Maíra e Ajỹ. As narrativas (*mumu'uaena*) contadas pelos Awá abordam as aventuras desses gêmeos enquanto estavam na terra, pois depois decidem abandoná-la e vão viver no céu. A pessoa humana é constituída por três elementos: corpo "*ipirera*" ou couro, princípio vital ou vitalidade "*haitekera*" e "raiva-espectro" ou "alma penada" *ha'aera*. Esses elementos não são um princípio abstrato, mas remetem a noções relativas à fisiologia dos corpos e fornecem uma terminologia apropriada para o entendimento das relações entre humanos e não humanos.

Quando alguém morre, os Awá costumam dizer que "*haitekera* foi para *iwa*" (*haitekera oho iwape*) e, uma vez falecido, permanece no céu. A ideia de morte implica no deslocamento espacial do princípio vital da pessoa da terra para os patamares celestes. Seu "couro" permanece na terra até apodrecer e a "raiva" segue para a floresta, em locais recônditos, e se transforma em *ajỹ*. Esta última categoria remete a espectros canibais que vivem na mata e costumam atacar os humanos, provocando-lhes doenças. Os Awá traduzem *ha'aera* para o português como "raiva", mas não se trata da mesma "raiva" que se expressa pelo termo *imahy* "bravo", "aborrecido". Esta última é um sentimento que, apesar de perigoso e desprezado, é muito comum e importante em diversas situações, como na guerra. *Ha'aera*, ao contrário, pode ser traduzido pela ideia de "raiva-espectro", devido tanto à sua condição de "sombra". Um princípio invisível e spectral que é dotado de grande penetração. É algo que todo humano carrega, pois faz parte da sua composição física, porém, ao ser liberado após a morte, age como uma energia formadora de seres ligados à morte, os *ajỹ*.

Já os *karawara* são espíritos celestes que vivem em níveis e mantêm uma constante interação com a terra. Costumam vir em busca de caça, água, mel e, por vezes, fogo, produtos

essenciais para a vida no céu. Nessas vindas para terra podem ajudar os humanos com curas xamânicas. Cantar é um aspecto central para compreender a importância dos *karawara* e da caça na vida dos Awá. Eles valorizam a duração e a força do som emitido ao cantar. É possível dizer que há tantas canções quanto são os *karawara*. Foram eles que ensinaram os cantos para a humanidade. Cantar à noite, por exemplo, para uma criança dormir bem, sem pesadelos, é algo que os *karawara* aconselham aos humanos.

Os cantos que os Awá executam na terra são os mesmos que os *karawara* produzem no céu e os temas variam de acordo com cada *karawara*, pois cada espírito tem as suas peculiaridades. Esses inúmeros cantos revelam os aspectos mais essenciais de cada espírito celestial, que é o dono do canto: sua alimentação; seu modo de caçar e outros detalhes de sua existência.

Ao cantar em casa à noite, planejando uma caçada, muitos Awá podem atrair o *karawara* que, durante a incursão na mata, sobretudo nas esperas noturnas, pode entrar no corpo do caçador e, tal como um "espírito auxiliar", aumentar sua eficiência. Os cantos remetem diretamente à presa que o *karawara* costuma caçar, são entoados em voz baixa quando os indígenas vão para floresta e em voz alta quando retornam para aldeia.

A respeito do termo “Guajá”, ele não faz parte da língua falada por esses indígenas. Como aconteceu com muitos povos indígenas brasileiros, essa é uma denominação externa por meio da qual eles não se reconhecem. As primeiras menções a essa designação ocorreram na década de 1940. O nome foi atribuído por não indígenas com o objetivo de distinguir essa população dos Tenetehara (Guajajara), povo vizinho. Também há indicações de que foram os Ka'apor os primeiros a chamá-los de “Guajá”. A autodenominação é Awá, sendo grafada como *awa* por meio da convenção ortográfica utilizada atualmente nas escolas das aldeias.

No entanto, o vocábulo Guajá ainda é utilizado para definir o povo uma vez que exerce função qualificativa, visto que há grupos amazônicos falantes de línguas da família Tupi-Guarani que também se autodenominam *awa*. É o caso, por exemplo, dos Parakanã do Pará, dos Asuriní do rio Xingu e dos vizinhos Ka'apor. O composto “Awa Guajá” respeita a forma como os indígenas preferem ser reconhecidos atualmente: a palavra *Awa* segue a ortografia utilizada pelas comunidades nas próprias escolas, sem acento agudo, e a palavra “Guajá”, respeita a ortografia do português. Politicamente, os termos “Awa Guajá”, “Awa” e “Guajá” ainda são utilizados por eles de forma alternada, a depender do contexto, dos interlocutores e de outros fatores sociopolíticos.

A autodesignação *awa* significa "gente", "humano", para eles existem tipos diferentes de "gente" ou seres humanos. A humanidade não é uma unidade homogênea. Ao contrário, esse conceito refere-se somente a pessoas que falam a mesma língua, compartilham um espaço e um modo de vida, alimentam-se da mesma forma, respeitam as mesmas regras. Pessoas muito próximas entre si, como os residentes de uma mesma aldeia, se chamam de *Awatea*, "gente mesmo", ou seja, Awá de fato, legítimo, verdadeiro, prototípico, para diferenciá-los dos demais. Pessoas que vivem em aldeias diferentes podem se referir umas às outras utilizando o termo *Awa* e não necessariamente *Awatea*, conforme veremos nos capítulos seguintes em que a função do sufixo *-tea* será abordada. Quando os Awa Guajá se pensam como um todo (um povo indígena diferente dos demais) se consideram *Awa*, que é a autodesignação mais geral.

Para as pessoas que são consideradas diferentes, há três categorias centrais utilizadas:

- *kamara*, usada para se referir aos indígenas de outras etnias;
- *karaia*, remete aos não indígenas;
- *mihua*, termo utilizado para nomear os *Awa* e outros povos desconhecidos, potencialmente bravos, como os Awa Guajá isolados. Outro termo que usam para designar os isolados é *awa ka'apahara*, "gente do mato" (GARCIA, 2018).

Todas essas informações tornam-se relevantes num trabalho em que se objetiva descrever a relação entre a língua e a cultura dos Awa Guajá, associando a relação entre os morfemas denominados por nós de categorizadores e a cosmologia Awa Guajá.

1.2 A língua Guajá

A língua Guajá integra o Tronco Tupi e pertence ao subgrupo VIII da família linguística Tupi-Guarani, que inclui também o Takunyapé, o Urubu-Ka'apor, o Wayampí, o Wayampipukú, o Emérillon, o Anambé e o Zo'é (RODRIGUES & CABRAL, 2012). Foi inicialmente estudada por Péricles Cunha (1988) e mais recentemente por Marina Magalhães, que publicou uma dissertação (2002) e uma tese (2007), e tem mantido publicações frequentes em revistas especializadas desde então. Sobre a fonologia do Guajá, há a dissertação de Ana Paula Nascimento (2008).

Devido ao fato de os Awa Guajá viverem, antes do contato e da sedentarização, organizados em pequenos grupos familiares dispersos em diversos territórios, a língua possui

variedades associadas aos grupos de origem. Atualmente, vivem na mesma aldeia grupos distintos que foram contatados em momentos diferentes e é possível identificar variações linguísticas sutis específicas a cada um desses grupos, relacionadas à realização de alguns fonemas e itens lexicais (GARCIA e MAGALHÃES, 2021).

A variante falada pelos Awa Guajá que vivem na Terra Indígena Alto Turiaçu é diferente das demais, há empréstimos da língua dos Ka'apor, povo com os quais compartilham o território. Já a variedade dos residentes nas Terras Indígenas Caru e Awá compartilha palavras e estruturas gramaticais com a língua dos Guajajara.

Sobre a vitalidade, o Guajá é falado fluentemente em todas as comunidades e por todos os indivíduos e não apresenta indícios de que esteja enfraquecendo. Observa-se ainda um grau de bilinguismo que pode variar razoavelmente considerando aspectos como gênero, idade e grau de convivência com os não indígenas. De maneira geral, aqueles que melhor se comunicam em português são os homens mais jovens, que costumam representar o povo em reuniões e eventos relacionados a questões político-sociais e que, normalmente, acompanham os idosos, as mulheres e as crianças quando estes precisam sair das aldeias, porém, especificamente na aldeia Cocal, há lideranças femininas bilíngues que também exercem essa mesma função.

Um fenômeno amplamente difundido e caracterizador das línguas da família Tupi-Guarani é o de que tanto o “nome” como o “verbo” podem funcionar como predicado ou argumento (MAGALHÃES e MATTOS, 2014). Em Guajá, ocorre o mesmo fenômeno gramatical, nomes e verbos podem exercer a função sintática de predicado, ou seja, têm função predicativa primária sem cópula ou qualquer outro recurso morfossintático, não se podendo associar apenas ao verbo uma vocação predicativa. Os nomes, diferentemente dos verbos, têm maior ocorrência como núcleo de argumento que como predicado, enquanto os verbos têm maior ocorrência como núcleo de predicado que como argumento, somente os nomes têm função argumentativa primária, os verbos, por sua vez, caracterizam-se por exercer função argumentativa secundária. Além dessa diferença sintática, nomes e verbos podem ser identificados como duas classes lexicais distintas com base em critérios morfológicos, já que a possibilidade ou não de ocorrência de morfemas específicos da classe dos nomes permite também diferenciá-la da classe dos verbos.

No que tange às características tipológicas, o Guajá apresenta, segundo Cruz, Magalhães e Praça (2019) uma quantidade relativa de traços onmipredicativos e/ou não configuracionais: natureza predicativa dos itens lexicais, marcadores pessoais expressando os argumentos,

Sintagmas Nominais (SNs) analisados como adjuntos correferenciais em predicados verbais – todos eles são externos ao Sintagma Verbal (SV), sua ordem pode ser determinada pela estrutura informacional, não possuem marcadores de caso e frequentemente estão ausentes.

Ainda de acordo com Magalhães (a ser publicado), além dos verbos e nomes, as partes do discurso com conteúdo lexical contêm também a classe dos advérbios. Resumindo as características dessas três classes, podemos afirmar, conforme a autora que nomes e verbos são sensíveis à pessoa e os verbos podem ser monovalentes, bivalentes ou trivalentes. Seus argumentos aparecem na morfologia verbal por dois conjuntos diferentes de marcadores de pessoa, um expressando o agente como participante e o outro expressando o paciente como participante.

Quando ocorrem, os SNs podem ser encontrados em qualquer ordem de palavras, embora a ordem SOV seja preferida, mas não obrigatória, quando os participantes são ambos animados de 3ª pessoa e sua função como sujeito ou objeto é potencialmente ambígua. Os verbos trivalentes alinham o argumento que expressa o tema com o objeto dos verbos divalentes. Verbos bivalentes expressam apenas um dos argumentos no núcleo do predicado. O outro pode ser omitido fonologicamente porque existe uma Hierarquia Referencial ($1 = 2 > 3$) que define o conjunto de prefixos que ocuparão esta posição e informa sobre a pessoa e o caso do omitido fonologicamente. Verbos monovalentes são classificados como ativos ou estativos (sistema de Intransitividade Cindida), uma das classes alinhando seu único argumento com o argumento expressando o agente em verbos divalentes, a outra alinhando seu único argumento com o argumento expressando o agente em verbos divalentes.

Os sintagmas nominais têm seu núcleo à direita e apresentam, além do núcleo, determinantes, sendo que, com núcleo bivalente ("inalienável"), ocorre um argumento interno ligado ao núcleo por prefixo de adjacência. Nenhuma cópula é necessária para que os substantivos sejam o núcleo lexical de um predicado, que pode ser existencial ('X existe') ou inclusivo/equativo ('X pertence à classe de Y' ou 'X tem o mesmo referente que Y').

Os adjuntos adverbiais são advérbios lexicais, sintagmas nominais marcados com caso locativo ou sintagmas posposicionais.

Categorias que expressam mudança de valência, como reflexivas e recíprocas, aparecem por meio da morfologia verbal e uma grande classe heterogênea de partículas expressa TAM, fonte de informação, dêixis, posição, direcionalidade entre outras noções gramaticais.

Além da variedade linguística falada no cotidiano pelos *awa* (humanos que habitam a terra), existe a variedade xamânica falada pelos *karawara* (humanos que habitam o céu). Para os *awa*, os *karawara* falam uma outra língua: *iwa ma'iha*, fala do céu. Entretanto, esta variedade não será objeto de investigação deste trabalho. Aqui defendemos que um conjunto de sufixos que se associam a nomes e verbos têm função categorizadora na língua cotidiana. Eles serão o foco da presente análise. No próximo capítulo, trataremos dos conceitos teóricos que sustentam a abordagem.

CAPÍTULO 2 – CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Neste capítulo, serão abordados os conceitos e teorias que fundamentam nossa análise. Para isso, apresentaremos em 2.1 uma breve discussão acerca do conceito de categorização. A seção 2.2 irá expor a diferença entre morfemas classificadores e morfemas categorizadores, sendo esta uma questão central para a nossa proposta. Por fim, em 2.3, será tratado o conceito de protótipo no âmbito da psicologia cognitiva e, também, da linguística.

2.1 Categorização e categorização linguística

A categorização, de maneira geral, tem sido definida como o processo por meio do qual os seres humanos agrupam entidades semelhantes, sejam elas categorias humanas, animais, objetos, eventos, entre outros, em classes específicas. Sem a capacidade de categorizar, estaríamos incompletos no uso pleno de nossas habilidades como seres humanos, seja no mundo físico ou na vida social e intelectual.

O conceito de categorização de Aristóteles é fundamentado na ideia de que tudo o que existe pode ser classificado em diferentes categorias. Assim, as categorias são os diferentes aspectos que um elemento pode ter, como a substância, a qualidade, a quantidade, a relação, o lugar, o tempo e a situação. Para o filósofo, a substância é a categoria mais importante, pois ela se refere à verdadeira natureza de um ente e todas as demais categorias, como a qualidade e a quantidade, dependem da substância para serem compreendidas.

Essa concepção clássica considera que as categorias são fixadas em termos de uma conjunção de características suficientes e necessárias, essas características são binárias, ou seja, os elementos de dada categoria possuem ou não determinado atributo, elas são providas de limites bem definidos e todos os elementos pertencentes a ela são equivalentes. Deste modo, os conceitos foram definidos por tais condições e as pessoas categorizaram os elementos de acordo com esses princípios. Ao longo de dois mil anos, as categorias foram compreendidas dessa maneira dentro da tradição ocidental.

O filósofo alemão Gottlob Frege é um representante de relevância desta tradição. Na semântica fregeana, a Teoria dos Conjuntos (CANTOR, 1874) é uma ferramenta central de categorização de conceitos e teorias, pois é por meio dela que Frege estabelece a base para o estudo da linguagem e do pensamento. A Teoria dos Conjuntos permite a construção de uma estrutura matemática que possibilita a análise das relações entre os objetos e as proposições. Com isso, é possível compreender as propriedades e as relações entre os objetos e os conceitos

presentes nas proposições. Para Frege, a linguagem é uma ferramenta que permite a expressão do pensamento e a semântica deve buscar entender como as palavras e as proposições se relacionam com o mundo. O filósofo alemão utiliza a teoria dos conjuntos para analisar o pensamento em termos de conjuntos de objetos e conceitos, oferecendo uma base matemática para o estudo linguístico e semântico.

A partir dessa teoria, Frege desenvolveu a ideia da composição de proposições por meio de funções e argumentos. Tal abordagem permitiu a construção de uma semântica formal, capaz de representar a estrutura lógica das proposições e das relações entre os objetos. Resumidamente, nessa teoria, um conjunto pode ser caracterizado por uma lista de seus membros ou por um conjunto de condições necessárias e suficientes para ser membro. Os conjuntos estão na vanguarda das versões modernas da teoria clássica da categorização e fundamentam aspectos da Linguística Gerativa como a fonologia, a sintaxe e a semântica. Assim, uma língua, nessa abordagem teórica, é definida como um conjunto de sentenças e uma gramática como um conjunto de regras que caracteriza o conjunto de sentenças.

Insuficiências da teoria clássica da categorização foram problematizadas por Wittgenstein (1953). O filósofo argumentou que o conceito de jogo é tão heterogêneo que não poderia haver condições necessárias e suficientes para definir a palavra "jogo" de maneira precisa, observando que vários dos membros dessa categoria não compartilham um conjunto de propriedades comuns, de modo que os "jogos" não podem ser claramente distinguidos dos "não jogos", sendo a fronteira da categoria bastante difusa. Em vez disso, ele sugeriu que os jogos tivessem "semelhanças familiares" uns com os outros, e é a partir dessas semelhanças que consideramos atividades tão diversas quanto paciência, Banco Imobiliário e futebol como instâncias da categoria "jogos".

Além disso, a teoria clássica tem sido desafiada em todos os ramos da Ciência Cognitiva. O debate sobre a natureza e a estrutura das categorias é crescente no âmbito da Psicologia Cognitiva e foi desencadeado por um conjunto de provas empíricas que impuseram limites aos fundamentos da teoria de categorização Aristotélica, indicando a necessidade de uma nova teoria, impactando a Linguística, especialmente autores como Lakoff, Ross, Fillmore, Labov, Langacker, Lindner, Brugman, Sweetser e Jaeger.

Para Lakoff (1982, p. 27), a questão da categorização permeia toda a ciência cognitiva, quer se trate de percepção, imagem, raciocínio, memória, sintaxe ou fonologia. O autor ressalta que toda a cognição usa categorias e o cerne está em saber que tipo de teoria de categorização é empiricamente adequada. Para o linguista, na teoria clássica as propriedades são

objetivamente dadas e inerentes aos objetos em si, em vez de serem propriedades interacionais humanamente relevantes, como propriedades perceptivas, movimentos motores, funções e intenções humanas. São estas as que desempenham uma função na categorização, em vez de propriedades puramente objetivas que "existem lá fora no mundo independente de seres humanos".

No mesmo sentido, Taylor (1995: ix) postula que uma das mais importantes habilidades cognitivas é, precisamente, a capacidade de categorizar, ou seja, ver similaridade na diversidade. Lakoff (1982, p. 73) aprofunda esta perspectiva ao sustentar que parte do que é "percebido como similar" é constituído por ligações definidas por relações de imagem, metáforas conceituais e modelos cognitivos idealizados com base cultural.

Desta maneira, a noção de semelhança/similaridade é crucial para a formação de categorias naturais. E também é crucial para definir o processo através do qual os membros de cada categoria [...] são ampliados (GIVÓN, 1986, p. 70). A maioria das categorizações é automática e inconsciente; ao nos movimentarmos pelo mundo, categorizamos automaticamente pessoas, animais e objetos físicos, tanto naturais como feitos pelo homem (LAKOFF, 1982, p. 7). Embora, em um primeiro momento, possa surgir a impressão de que os fenômenos são categorizados como eles são, de que as categorias mentais se ajustam aos elementos do mundo, a maior parte do processo não se dá dessa maneira, é abstrato.

Para compreender melhor o nível de abstração das categorias é importante recorrer à Psicologia Cognitiva. Rosch (1978, p. 28) propõe dois princípios gerais e básicos para a formação das categorias, o primeiro afirma que a tarefa dos sistemas de categoria é fornecer o máximo de informação com o menor esforço cognitivo; o segundo afirma que o mundo percebido vem como informação estruturada e não como atributos arbitrários ou imprevisíveis. Deste modo, informação máxima com menor esforço cognitivo é alcançada se as categorias mapearem a estrutura do mundo percebido como o mais próximo possível. Rosch também destaca que essa condição pode ser alcançada tanto pelo mapeamento de categorias determinadas por estruturas de atributos como pela definição ou redefinição de atributos para tornar um dado conjunto de categorias adequadamente estruturado. Estes dois princípios básicos de categorização têm implicações tanto para a nível de abstração das categorias formadas numa cultura como para a estrutura interna dessas categorias.

Consequentemente, a categorização consiste em um processo de cognição por meio do qual é possível apreender e conhecer tanto o universo físico exterior como o universo

psicológico interior do ser humano, ao passo em que permite que o organismo reduza a variação ilimitada que existe no mundo a proporções controláveis. O vasto e disforme fluxo de impressões captadas pelos sentidos encontra na categorização um mecanismo de sistematização, síntese e configuração (REGÚNAGA, 2012, p. 13).

Na Psicologia Cognitiva os conceitos de categorização e protótipo estão interrelacionados, no entanto, o conceito de protótipo será tratado mais adiante. Por ora, para abordar as considerações sobre o processo de categorização pela perspectiva da Linguística, é relevante salientar que o modelo prototípico de categorias foi desenvolvido no início da década de 1970 como resposta a evidências empíricas sobre o modo como as pessoas categorizam as coisas em seu ambiente (TAYLOR, 1995, p. 173). Duas frentes de investigação surgiram, a da Psicologia Cognitiva, cujo objetivo era pesquisar a maneira como os conceitos são estruturados e representados na mente, e a da Linguística, que canalizou o estudo sobre categorização, com ênfase na semântica, no significado das formas linguísticas. As duas orientações estão interligadas. Dados linguísticos e descobertas experimentais psicológicas complementam-se mutuamente: a linguística é uma das principais fontes para a estrutura conceitual e as estruturas conceituais são simbolizadas convencionalmente pelas formas linguísticas.

Neste ponto de intersecção, vale destacar que cada língua caracteriza o universo de maneira única. Categorias conceituais (conceitos gramaticais) são caracterizações do mundo, mas não em termos de elementos que existem concretamente, ou de ideias, que expressam a essência de um elemento da natureza. São associações gramaticais relacionadas a elementos lexicais, cuja expressão pode variar de língua para língua.

A título de exemplo, a categoria número pode ocorrer de maneira distinta em cada idioma. No português, há a expressão do singular e do plural. Em outras línguas, é possível haver outras noções, por exemplo, dual (de dois em dois), trial (de três em três) ou marca que expresse a noção de coletivo. Em LIBRAS, existem as categorias gramaticais dual, trial e quadrial, sendo possível indicar com os dedos o número de pessoas que executam determinada ação – ou estão envolvidas na ação assinalada pelo verbo – incluindo o numeral no gesto que expressa um conceito lexical. Já em Guajá, a categoria número é expressa apenas no contraste entre não coletivo e coletivo, “que marca a diferença entre um representante único de uma entidade e um grupo coerente. O sufixo *-kér ~ -ér* é o morfema flexional que denota coletivo e um tema nominal como *awa’y* ‘criança’ marcado por ele, *awa’y-kér-a*, não significa simplesmente ‘as crianças’, mas refere-se a um grupo (coeso) de crianças, isto é ‘criançaada’ (Magalhães 2007, p. 148).

Lakoff (1982, p. 7) sustenta que cada língua humana é estruturada em termos de um sistema enormemente complexo de categorias de vários tipos: fonético, fonológico, morfológico, lexical, sintático, semântico e pragmático. Portanto, a linguística é uma importante fonte de evidência para a natureza das categorias cognitivas.

A categorização natural, que está relacionada à forma como os seres humanos conceituam os elementos do mundo e como eles os interpretam em termos de sua experiência, trata-se de um aspecto importante da cognição geral, tanto dentro como fora da linguística (Lakoff, 1982, p. 4). Para esse expoente da Linguística Cognitiva, categorizar é uma capacidade fundamental para o pensamento humano, sem a qual o ambiente percebido seria caótico e perpetuamente novo, uma vez que, a cada uso de um termo ou a cada nova situação vivida, precisaríamos reorganizar todo nosso conhecimento. O pesquisador ressalta que resultados gerais sobre a natureza da categorização cognitiva devem ser aplicados a categorias em linguística e que a teoria linguística é, portanto, muito ligada a questões gerais de cognição.

Do mesmo modo, Bybee e Moder (1983, p. 267 apud Taylor, 1995, p. 174) afirmam que "os falantes de línguas naturais formam categorizações de objetos linguísticos, da mesma maneira que formam categorizações de objetos naturais e culturais", ou seja, os princípios que regem a categorização de objetos linguístico são os mesmos que regem a categorização de elementos e culturais.

Por conseguinte, um linguista empreende uma categorização linguística de objetos linguísticos assim como um botânico está preocupado com uma categorização botânica de plantas (TAYLOR, 1995: ix) e deve também ser apto a interpretar a forma como as línguas expressam a perspectiva de seus falantes considerando que linguagem e cultura estabelecem entre si uma relação simbiótica em que se afetam mutuamente.

Taylor (1995: viii) ilustra o conceito de categorização linguística pelo uso da mesma palavra 'cão' para nos referirmos a dois animais diferentes, ou descrever dois matizes de cor diferentes por meio da mesma palavra, por exemplo, 'vermelho'. Nesses casos estamos realizando atos de categorização: embora distintas, as duas entidades são consideradas, em cada caso, como pertencendo a uma mesma categoria.

Conforme afirmado anteriormente, a linguística canalizou o estudo sobre categorização, com ênfase na semântica, portanto, faz-se necessário elucidar o seguinte aspecto: linguistas estruturalistas e cognitivistas estão de acordo quanto ao significado não existir em si mesmo, para ambos, ele depende do contexto. No entanto, para os estruturalistas, essa dependência é uma questão sintagmática e de relações de paradigmas entre signos dentro do sistema

linguístico. Para os cognitivistas, o contexto é externo ao sistema linguístico, os significados são estruturas cognitivas que estão incorporadas em padrões de conhecimentos e crenças.

Logo, as categorias linguísticas estão entre os tipos de categorias abstratas que qualquer teoria adequada do sistema conceitual humano deve ser capaz de explicar. Por ser a linguística importante fonte de evidência para a natureza do conhecimento cognitivo, nada é mais central do que a categorização para as teorias linguísticas interessadas nas questões gerais de cognição (LAKOFF, 1982, p. 7-8).

Portanto, a categorização linguística pode ser entendida como “o modo em que a matéria-prima ontológica se torna matéria simbólica. E nesse processo, cada língua e cada cultura vai deixar a marca de sua visão de mundo.” (REGÚNAGA, 2012, p. 13). Partindo dessa concepção de categorização linguística, descreveremos e explicaremos o funcionamento de um conjunto de elementos que compõe mais especificamente o que estamos denominando de morfemas categorizadores. Para tanto, explicitaremos a seguir a diferença entre morfemas classificadores e morfemas categorizadores.

2.2 Diferença entre morfemas classificadores e morfemas categorizadores

No processo cognitivo natural de categorização do mundo e, principalmente, das referências, há línguas que recorrem a um sistema de morfemas classificadores enquanto outras não (LAKOFF, 1982). Os sistemas de classificação nominal estão presentes em muitas línguas do mundo e costuma-se distinguir nos estudos sobre o tema dois ou três tipos principais de classificação nominal, dependendo das propriedades morfossintáticas e semânticas das línguas. Os mais conhecidos tipos de classificadores são, segundo Kilarski (2013, p. 1), os sistemas de classificadores numerais do leste e sudeste da Ásia, os classificadores nominais da Mesoamérica e Austrália, classificadores genitivos da Oceania e verbos classificatórios da América do Norte. Muito menos comuns, segundo o autor, são os dêíticos e classificadores locativos encontrados nas línguas dos indígenas americanos.

Ainda segundo o autor, vários efeitos das propriedades semânticas e morfossintáticas dos classificadores indicam que eles não estão apenas altamente arraigados no léxico, morfossintaxe e discurso, mas também são explorados produtivamente para enriquecer o léxico e contribuir para a organização do discurso. Os princípios, muitas vezes complexos, de categorização semântica encontrados em sistemas classificatórios refletem mecanismos universais da compreensão humana, percepção e cognição, bem como correlatos específicos da

linguagem com aspectos culturais e parâmetros sociais (ROYEN, 1929, p. 69). Uma vez que os sistemas de classificação nominal fornecem os meios primários de categorizar entidades no mundo exterior, eles “oferecem uma ‘janela única’ para estudar como os humanos constroem representações do mundo e os codificam em suas línguas” (AIKHENVALD, 2000, p. 307).

De acordo com Kilarski (2013, p. 2), funcionalidade e motivação semântica não só constituem os aspectos mais controversos dos sistemas de classificação nominal, mas também pertencem aos aspectos mais intrigantes da estrutura linguística em geral. Além disso, apesar de os sistemas de classificação nominal serem frequentemente mencionados como exemplos de arbitrariedade e redundância de categorias gramaticais em geral, mais recentemente pesquisadores têm apresentado evidências de motivação, bem como de funções semânticas e discursivas de classificação nominal, refletidas em propriedades como animacidade, sexo e propriedades físicas. Assim, ao contrário de ser redundante, a classificação nominal contribui para a expansão do léxico e para a organização do discurso: os marcadores de classificação podem ser usados não apenas para criar novos nomes e fornecer uma diferenciação mais sutil dos nomes existentes, mas também para estabelecer e manipular o status discursivo de um referente (KILARSKI, 2013, p. 3).

Há línguas que apresentam sistemas fechados e altamente gramaticalizados de classes flexionais para nomes e sistemas de concordância de gênero, como é o caso de grande parte das línguas africanas, enquanto há línguas que apresentam sistemas relativamente abertos de natureza mais lexical, que envolvem múltiplos termos de medida e de classe, como as línguas asiáticas e austronésias. Segundo Van der Voort (2015, p. 8), “em várias línguas amazônicas encontram-se sistemas léxico-gramaticais de classificação que combinam características dos dois extremos. Esses sistemas tipicamente envolvem um número considerável de morfemas classificatórios presos, que têm uma distribuição ampla e que podem ter funções diversas, como concordância, anáfora e derivação”. Na maioria das línguas que apresentam classificadores, eles são verificados como morfemas encontrados em nomes, como no exemplo a seguir do Latundê, língua indígena brasileira da família Nambikwara, falada na Terra Indígena Tubarão/Latundê, no estado de Rondônia.

(1) *'wajh-ki'nñn- 'te*

açaí-CL:redondo-REF

'fruta de açaí' (Telles, 2002, p. 185)

O classificador *ki'nñn* do Latundê, no exemplo acima, trata-se de um morfema com função derivativa ao criar o termo que descreve o fruto da palmeira, delimitando o referente vago a partir do classificador que expressa a semântica de 'redondo'.

Ao serem incorporados aos verbos do Latundê, os classificadores dos exemplos abaixo delimitam o formato comprido do arco em (2) e adquirem função anafórica em (3), promovendo a concordância entre os diferentes membros da sentença:

(2) *'hu? sip'pi-'kah- 'tãn-ta*

arco pequeno-CL:comprido-IMPF-ANT

'O arco é pequeno' (Telles, 2002, p. 191)

(3) *'mãn-ka'loh 'hãn-ka'loh- 'tãn-ta*

roupa-CL:plano branco-CL:plano- IMPF-ANT

'As roupas estão limpas' (Telles, 2002, p. 191)

Aikhenvald (2000, p. 1) afirma que "quase todas as línguas têm algum meio gramatical para a categorização linguística dos nomes". A autora ainda destaca que os classificadores e os sistemas de categorização de nomes fornecem uma visão única de como as pessoas categorizam o mundo por meio de sua linguagem.

Uma nova visão sobre a tipologia dos dispositivos de categorização de nomes foi fornecida por Derbyshire e Payne (1990) na pesquisa sobre sistemas tipologicamente incomuns de dispositivos de categorização de nomes em línguas da Baixada Amazônica. Foi demonstrado que as línguas amazônicas permitem sistematicamente mais de um – e muitas vezes mais de dois

tipos de categorização de nomes simultaneamente, o que será importante para o subcapítulo 3.4, ao tratar da hierarquização entre os morfemas de categorização no Guajá..

Aikhenvald (2000, p. 13) sustenta que classificadores são definidos como morfemas que ocorrem “na superfície das estruturas sob condições específicas, denotam alguma característica saliente da entidade, percebida ou imputada, à qual um nome associado se refere e são restritas a tipos particulares de construção conhecidas como 'construções classificadoras'. A linguista ainda destaca que construções classificadoras são como unidades morfossintáticas que requerem a presença de um tipo particular de morfema, cuja escolha é ditada pelas características semânticas do referente do núcleo de uma frase nominal. Assim sendo, é importante destacar que, em geral, o sistema de classificação nominal não é um dispositivo apenas morfológico, mas morfossintático, muitas vezes promovendo a concordância entre os diferentes membros da sentença, como no exemplo (3) do Latundê acima.

De acordo com Foley (1997), os falantes de línguas que categorizam os nomes por meio do uso de classificadores prestam mais atenção ao material (matéria, substância) de que é feito o objeto, sendo o classificador necessário para incorporar ao nome as propriedades corporais de forma e descrição. A escolha do classificador é determinada pelo tipo de discurso descritivo que o falante deseja realizar durante o ato de fala. Em muitos casos um nome está associado a um classificador padrão que destaca certos aspectos de sua forma, consistência ou função. A classificação de nomes, por exemplo, em uma determinada língua, através do uso de morfemas classificadores, é especificamente linguística e não reflete diretamente uma classificação da realidade. É uma "imagem linguística da natureza", não um mapa da natureza (BECKER, 1975). A semântica do classificador pode apelar para características perceptivamente salientes dos referentes típicos dos nomes que eles classificam, mas essa não é sua função primária, que é fornecer informações descritivas suficientes para o propósito comunicativo de falantes humanos no discurso social em andamento.

Os classificadores são um importante recurso linguístico em certas línguas para transmitir informações semânticas relevantes em um dado contexto. De acordo com Foley (1997), animais e pessoas recebem atenção especial nos sistemas classificadores devido à compreensão empática que esperamos compartilhar por meio deles. Nessas línguas, a forma não é o parâmetro semântico básico, pois isso não é o que é importante para quando há interação com outros seres humanos ou animais. Por exemplo, determinadas línguas podem ter um único classificador para humanos e animais, porém é mais comum distinguir pessoas de animais, como ocorre com indonésio no caso de ‘orang’ versus ‘ekor’: ‘tiga **orang** perempuan’, "três

mulheres", *versus* 'tiga *ekor kuda*', "três cavalos" (FOLEY, 1997, p. 236). Aqui, também, os classificadores foram gramaticalizados pela língua e os morfemas atribuem característica descritiva discursivamente relevante a um referente com o propósito de delimitação.

Já os falantes de línguas sem classificadores, segundo o autor, prestam mais atenção aos corpos "bodies", isto é, objetos com limites fixos e formas discretas bastante permanentes, e menos atenção ao material.

Deste modo, segundo Foley (1997, p. 245), a presença de classificadores é prototipicamente considerada como diagnóstico de uma ontologia da substância, com o classificador necessário para atribuir ao referente propriedades corporais de forma e discrição, enquanto sua ausência é vista como evidência para a ontologia governante dos corpos, com as propriedades corpóreas de forma e discrição já inerentes ao nome.

Os morfemas categorizadores do Guajá não podem ser analisados como classificadores porque não têm origem em nomes, não ocorrem em mais de um elemento da sentença exercendo função morfossintática de concordância, não estabelecem ou manipulam o status discursivo de um referente e não se afixam a nomes que são vagos em termos de propriedades corporais de forma e discrição. Pelo contrário, eles se associam a nomes e verbos que são os representantes centrais de uma categoria que apresenta propriedades corpóreas bem delimitadas, conforme ilustra o exemplo a seguir em que a raiz nominal *jawatara* 'lontra', que já possui características corpóreas inerentes, é associada a dois morfemas categorizadores, *-hu* e *-i*, que derivam dois novos referentes especificando traços dimensionais relacionados ao nome básico, não marcado, tomado como referência central de forma e discrição:

(4) *jawatara* 'lontra' (esp. *Lontra longicaudis*): referente prototípico da categoria

jawatarahua 'ariranha' (esp. *Pteronura brasiliensis*): membro da categoria *jawatara* caracterizado por ter dimensões maiores

jawatara ia 'doninha amazônica ou furão' (esp. *Mustela Africana*): membro da categoria *jawatara* caracterizado por ter dimensões menores

Esse e outros dados da língua Guajá que serão explorados ao longo deste trabalho, de certa forma, confirmam a hipótese de Foley (1997) de que línguas sem classificadores

apresentam nomes que são interpretados pelos falantes como elementos categorizados por uma ontologia dos corpos (formas discretas permanentes, limites fixos) e não da substância.

Assim, o papel desses morfemas, diferentemente dos classificadores, não é atribuir ao elemento a que se anexam propriedades corporais de forma e descrição, mas o de contribuir com a construção da referência e do evento definindo-os em termos de seu pertencimento a categorias, seja pelo distanciamento ou pela proximidade em relação ao protótipo, a partir de uma perspectiva de mundo Awa Guajá.

2.3 O conceito de protótipo na Psicologia Cognitiva e na Linguística

O conceito de protótipo foi apresentado pela primeira vez no âmbito da Psicologia Cognitiva e sustenta que a categorização humana não deve ser considerada um acidente histórico arbitrário, mas o resultado de princípios psicológicos de categorização (ROSCH, 1978, p. 27). Logo, protótipo, foi inicialmente definido como denotando um estímulo que exerce uma posição de destaque na definição de uma categoria por ser o primeiro a ser a ela associado.

A teoria do protótipo foi proposta como um modo de categorização em que alguns membros de uma categoria conceitual assumem papel mais central do que outros. Dessa forma, no caso ilustrativo clássico, na categoria “ave”, papagaio e periquito apresentam traços mais centrais (ou prototípicos) do que pinguim e, dessa mesma perspectiva, qualquer conceito dado em qualquer língua pode ser ilustrado por um elemento que o representa melhor. Segundo Lakoff (1982, p. 34) a teoria afirma, “que os membros representativos de uma categoria têm um status especial em termos de conceituação e compreensão”. Outra característica é que certas categorias são psicologicamente mais “básicas” do que outras: são reconhecidas mais rapidamente, aprendidas mais cedo, usadas mais frequentemente, têm nomes mais curtos.

Como afirmado anteriormente, na Psicologia Cognitiva os conceitos de categorização e protótipo estão interrelacionados. Os membros mais representativos de uma categoria são chamados de membros prototípicos. Quanto mais prototípico for o membro de uma categoria, mais atributos em comum terá com outros membros da categoria e menos atributos em comum com membros de categorias contrastantes.

O pertencimento à categoria é caracterizado não por condições necessárias e suficientes, mas por agrupamentos de atributos que distinguem os membros mais representativos. Nenhum

dos atributos precisa ser necessário ou suficiente para pertencer à categoria. E pode ser que nenhum membro da categoria tenha todos os atributos no seu conjunto. Os membros não representativos podem ter uma aparência semelhante ou nenhuma semelhança com os demais membros. Cada sentido de um item lexical é em si mesmo uma categoria natural, cujos membros estão no reino da experiência humana.

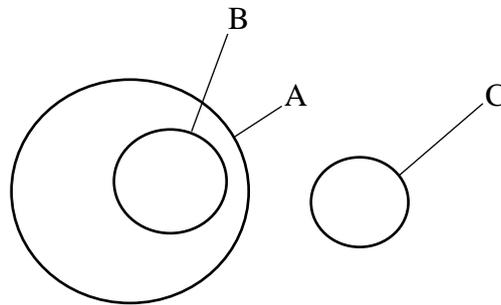
Assim, contrariando as expectativas da teoria clássica, a categoria não é estruturada em termos de características criteriosamente compartilhadas, mas sim por uma rede de semelhanças entrecruzadas (TAYLOR, 1995, p. 38). Existem atributos tipicamente associados à categoria. Alguns membros partilham alguns destes atributos, outros membros partilham outros.

Os atributos em geral não têm o mesmo status, pode acontecer de dois membros não representativos não terem atributos relevantes em comum e serem membros da categoria apenas em virtude de terem semelhanças familiares de tipos muito diferentes em relação aos membros mais representativos, prototípicos. Lakoff (1982, p. 13) assegura que elementos prototípicos servem como “pontos de referência cognitivos” para determinados tipos de raciocínio, o que será absolutamente relevante ao tratar posteriormente de questões de prototipicidade e categorização no Guajá.

Neste momento, sobre os limites das categorias, é importante considerar que há uma grande variação na delimitação das margens. As propriedades dos membros representativos não determinam os membros da categoria como um todo. Um objeto não é necessariamente membro apenas por possuir algum grau de similaridade com membros prototípicos. Também é importante observar que categorias vizinhas têm efeito sobre membros da categoria. Além disso, próximo ao limite, podem haver convenções culturais arbitrárias que determinam a delimitação da categoria. Givón (1986, p. 78) considera que essa perspectiva não adota nem uma posição radical platônica nem a definição também extremista de Wittgenstein, descritas a seguir.

Dentro da tradição ocidental, do ponto de vista platônico, categorias do entendimento são discretas, absolutas e puras e podem ser representadas através do seguinte diagrama:

Figura 1 – Diagrama de conjuntos de inclusão

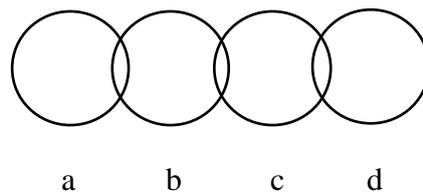


Fonte: Givón (1986, p. 77)

No diagrama, A é o critério que determina o pertencimento à categoria, B é o membro que possui o critério, C é um não membro que não possui determinado critério.

A outra abordagem extrema dentro da tradição ocidental é representada por Wittgenstein, que sustenta que as categorias não são discretas e absolutas, mas, sim, possuem limites difusos e contingentes – conforme o contexto e/ou propósito de utilização – e que uma relação de familiaridade pode muitas vezes existir entre os vários membros da mesma categoria – ou entre as várias categorias dentro de uma metacategoria supraordenada –, de modo que “a” pode assemelhar-se (compartilhar propriedades) a “b”, “b” pode assemelhar-se a “c”, “c” pode assemelhar-se a “d” e assim sucessivamente. A representação se dá através do seguinte diagrama:

Figura 2 – Diagrama de conjuntos de intersecção



Fonte: Givón (1986, p. 78)

Wittgenstein afirmaria que um conjunto de semelhanças familiares, tal como demonstrado na Figura 2, representa uma possível categoria da qual a, b, c, d, são igualmente membros.

Ao contrário das abordagens apresentadas, a teoria do protótipo é uma proposta não extremista para a representação do espaço nocional/cognitivo/funcional que permite um espaço contínuo dentro de cada categoria em que quanto maior o número de características e propriedades um elemento possuir mais prototípico ele será. O membro mais prototípico de uma categoria, ou seja, aquele que exibe o maior número de propriedades/características mais importantes, presumivelmente define a noção de protótipo (GIVÓN, 1986, p. 70). Os demais membros são classificados conforme o grau de semelhança com o protótipo.

A teoria dos protótipos é uma alternativa à teoria clássica. O que torna as categorias linguísticas e as "regras gramaticais" categóricas e/ou regidas por regras não é nem categorialidade absoluta nem aplicabilidade sem exceção. Ao contrário, são categorias ou regras por alta preponderância/frequência, portanto, alta pré-dizibilidade (GIVÓN, 1986, p. 98).

O conceito de protótipo estendeu-se do significado das palavras para objetos linguísticos dado o interesse de linguistas por categorias. É importante retomar que, não só as formas linguísticas representam simbolicamente categorias conceituais, como as próprias formas linguísticas constituem categorias. Há paralelismo entre a estrutura das categorias conceituais e a estrutura das categorias linguísticas, da mesma maneira que existem membros centrais e marginais em uma categoria como "ave", também há membros centrais e marginais em uma categoria linguística como nome (TAYLOR, 1995, p. 192-193). Palavras como "professor" e "mesa" são bons exemplos de nome para referir-se a pessoas e coisas, mas "entrada" e "céu", não. Embora também sejam nomes, são elementos intangíveis da natureza. Para o autor, "ano", "vermelho", "altura" e "felicidade" são outros exemplos marginais nesta categoria.

Dessa forma, é importante ressaltar que, em linguística, o conceito de protótipo é também usado como um modelo analítico muito útil e altamente eficaz para estudos de classes de palavras. Por exemplo, de acordo com Givón (2001), o melhor exemplo para definir a classe dos nomes (o que seria, então, um nome prototípico) são de palavras que se referem a elementos que não mudam significativamente com o passar do tempo, como "pedra".

Além desse uso linguístico do conceito de protótipo, ainda dentro dessa ciência é muito produtivo o uso da noção de protótipo para o estudo da semântica lexical, especificamente de nomes (ABERRA, 2006, p. 4).

Neste trabalho utilizaremos a noção de protótipo para nos referirmos às raízes nominais e verbais não marcadas, por serem estas os elementos centrais das categorias que elas representam, segundo a cosmovisão dos Awa Guajá. Essas raízes prototípicas não marcadas, uma vez modificadas por morfemas categorizadores, passam a denominar membros da categoria que elas representam que apresentem características específicas que as distanciam ou se aproximem daquela entidade, evento ou estado, categorizando os elementos do mundo em termos de um gradiente relacionado por traços semânticos.

Nossa interpretação é inspirada na análise que Viveiros de Castro faz da língua Yawalapiti (Aruak) na qual os sufixos modificadores *-kumã*, *-rúru*, *-mína* e *-malú*, ao serem afixados a nomes de animais, plantas ou categorias sociais modificariam a configuração característica da espécie denotada pelo nome, entendida como “protótipo ideal” (2002, p. 28). Outro trabalho que inspirou nossa abordagem é o de Franchetto, Meira e Kuikuro (2021) ao tratar dos operadores ontológicos ameríndios.

Isto posto, em Guajá, utilizando os conceitos de categorização linguística e protótipo especificados acima, analisamos esses morfemas que aqui denominamos de morfemas de categorização como constituindo um conjunto de sufixos que definem entidades e eventos em termos do quanto se distanciam ou se aproximam de um protótipo no que diz respeito à dimensão/intensidade (*-hu* e *-'i*) ou a outras características físicas (*-rỹ*) ou mesmo no que se refere a seus traços autênticos quando contrastados com referentes ou eventos similares (*-te*).

CAPÍTULO 3 – MORFEMAS CATEGORIZADORES DO GUAJÁ

Conforme já explicitado no capítulo anterior, os morfemas de categorização do Guajá ajudam a construir a referência de uma entidade expressa pelo nome, ou o escopo do evento ou do estado verbal¹ a partir de um fundamento semântico baseado em traços de propriedades, por isso sua função é categorizadora. Constituem um conjunto de sufixos que definem entidades e eventos em termos do quanto se aproximam ou se afastam de um protótipo não marcado no que diz respeito à dimensão ou a outras características não explícitas, ou permitem que os traços característicos dessas entidades ou eventos/estados sejam contrastados com outros inferidos no contexto discursivo, como será detalhado a seguir.

Esses morfemas agrupam entidades tomadas como semelhantes e estabelecem relação entre elementos categorizados numa perspectiva cultural Awa Guajá sempre tomando como referência um ente ou evento não marcado como prototípico, promovendo uma variação no limite das margens da categoria.

O conjunto dos morfemas é formado pelos sufixos *-hu*, *-'i*, *-rỹ(n)*, *-te* e seus respectivos alomorfes, conforme especificado o quadro a seguir.

Quadro 1 – Morfemas categorizadores do Guajá e seus alomorfes

Sufixo	Função	Raízes com as quais se ligam
<i>-(u)hu</i> ~ <i>-(u)hũ</i> ~ <i>-(y)hy</i> ~ <i>-(y)hỹ</i> ~ <i>-(i)hi</i> ~ <i>-he</i> ~ <i>-hõ</i>	Intensificador (INTS)	nominais, verbais eventivas, verbais estativas
<i>-(a)'i</i> ~ <i>-(a)'\i</i> ~ <i>-ka'\i</i>	Atenuativo (ATEN)	nominais, verbais eventivas, verbais estativas
<i>-rỹ(n)</i> ~ <i>-nỹ(n)</i>	Similitivo (SEME)	nominais
<i>-(e)te</i> ~ <i>-ate</i> ~ <i>-rate</i>	Autenticidade contrastiva (AUT.CONTRAS)	pronominais, nominais, verbais eventivas, verbais estativas, expressões adverbiais

Fonte: elaborado pelo autor

¹Na língua Guajá, há verbos eventivos e verbos estativos. Segundo Magalhães e Mattos (2014), os verbos eventivos caracterizam-se semanticamente por exprimir fenômenos que denotam mudanças rápidas no estado, condição ou locação espacial de alguma entidade codificada por meio de nome ou marca de pessoa. Os verbos estativos exprimem conceitos que abarcam desde as propriedades físicas mais estáveis dos nomes até uma grande parte dos fenômenos que denotam estados temporários, como temperatura ou estados de saúde.

Nas próximas seções, detalharemos cada um desses morfemas no que se refere à sua forma, tipos de raízes a que se anexam e função na língua.

3.1 Morfemas categorizadores dimensionais: intensificador (INTS) e atenuativo (ATEN)

Os sufixos intensificador *-hu* e atenuativo *-ĩ* possuem alomorfes que variam a depender do contexto fonológico da raiz a que se ligam. No caso de *-hu* (INTS), ele adquire vogal inicial caso se afixe a uma raiz terminada por consoante e a vogal final do sufixo pode mudar de *u* para *y*, *i*, *e* ou *o*, a depender também do ambiente fonológico, seguindo a tendência de harmonia vocálica da língua. Já o sufixo *-ĩ* pode variar entre oral e nasal e pode ocorrer com vogal *a* inicial ou não, a depender se a raiz é oral ou nasal e se termina com consoante ou não, respectivamente. Quando associados a nomes, os alomorfes variam entre *-(a)'i* e *-(a)'ĩ*, criando novos nomes; são, portanto, derivativos. O alomorfe *-ka'ĩ*² é exclusivo de verbos e é muito produtivo, se ligando a qualquer raiz verbal eventiva. Denota semântica de atenuação em orações afirmativas e em orações imperativas denota uma ordem realizada de maneira mais cordial, o que pode ser interpretado como uma ordem realizada de maneira mais atenuada.

Quanto à combinação, ambos os morfemas se associam a raízes nominais e verbais eventivas e estativas. Sua função é expressar o distanciamento dos referentes nominais prototípicos não marcados em termos dimensionais, ou exprimir a não prototipicidade com relação à intensidade, no que se refere a eventos e estados expressos pelas raízes verbais.

Os exemplos de (1) a (4) a seguir ilustram o contraste entre raízes nominais não marcadas e marcadas com o sufixo intensificador.

- (1) a. *tatu-a*
 tatu-REFER
 ‘tatu’ (esp. *Dasybus novemcinctus*) (Magalhães, 2007, p. 160)

² Esse alomorfe possivelmente originou-se a partir da interpretação de que a consoante final [k] de algumas raízes verbais, que é omitida quando não seguida de sufixo, era parte do sufixo *-a'ĩ*, como em *xak-a'ĩ* (ver-ATEN) ‘ver um pouquinho’. Assim *a'ĩ > kaĩ*.

- b. *tatu-hu-a*
 tatu-INTS-REFER
 ‘tatu canastra’ (esp. *Priodontes maximus*) (Magalhães, 2007, p. 160)

Em (1a) a raiz nominal *tatu*³ refere-se à espécie *Dasyus novemcinctus*, conhecida popularmente em português pelo nome de ‘tatu galinha’ ou ‘tatu verdadeiro’. Essa raiz não marcada representa a entidade prototípica da categoria *tatu*, que mede cerca de 38 a 58 centímetros de comprimento e pesa de 4 a 8 quilos. Quando esta raiz nominal ocorre associada ao sufixo intensificador *-hu*, passa a representar um outro referente, membro da categoria *tatu*, mas que se distancia do representante prototípico por suas dimensões maiores. O *tatuhu* (1b) refere-se à espécie *Priodontes maximus*, conhecida popularmente como ‘tatu canastra’, que chega a medir mais de 1 metro de comprimento e pesar entre 45 e 50 quilos. O mesmo ocorre nos exemplos a seguir.

- (2) a. *a-papanõ jaku Ø-papo-pe anỹ*
 1.1-adornar jacu R-asa-LOC CONJ
 ‘E eu adorno com asa do jacu’ (esp. *Penelope*)

(Berto e Magalhães, a ser publicado)

- b. *a-papanõ jaku-hu Ø-papo-pe anỹ*
 1.1-adornar jacu-INTS R-asa-LOC CONJ
 ‘E eu adorno com asa do jacu’ (esp. *Penelope obscura*)

(Berto e Magalhães, a ser publicado)

³As raízes nominais do Guajá podem ocorrer associadas ao sufixo *-a*. O morfema *-a* tem função de referenciante (REFER), isto é, indica que a raiz a que se anexa pertence à classe dos nomes e está sendo usada para referir (e não como um nome na função de predicado existencial, sem referência).

- (3) a. *arukuku-a* *ha=∅-xu'u.*
 surucucu- REFER 1.II=R-morder
 ‘a surucucu (esp. *Lachesis muta muta*) me mordeu’
 (Berto e Magalhães, a ser publicado)
- b. *ari-ruku ta arukuku-hu ∅-puhỹ-a anyĩ*
 13.I-ter PROJ surucucu- INTS R-remédio-REFER CONJ
 ‘Nós queremos ter remédio para picada de surucucu’ (esp. *Lachesis muta rhombeata*) (Magalhães, dados inéditos)
- (4) a. *inamõ-a*
 inhambu-REFER
 ‘inhambu’ (esp. *Crypturellus soui*) (Magalhães, dados inéditos)
- b. *inamu-hũ-a*
 inhambu-INTS-REFER
 ‘inhambuguaçu’ (esp. *Crypturellus obsoletus*) (Magalhães, dados inéditos)

Nos exemplos de (2) a (4), o morfema de função intensificadora ilustrado nos dados b, quando associado a uma raiz nominal não marcada (dados a), passa a indicar outro referente, uma animal cuja dimensão é maior em relação à entidade tomada como prototípica. A distinção entre membros pertencentes a uma mesma categoria se dá pela presença *versus* ausência da marcação morfológica associada a uma mesma raiz, sendo, nestes casos, a dimensão a característica que as diferencia internamente.

Esse traço semântico dimensional está, por outro lado, associado a uma importante função lexical, uma vez que o sufixo *-hu* é muito produtivo na criação de nomes de espécies animais e vegetais.

Outros exemplos são: *ka'i* ‘macaco-prego’ → *ka'ihu* ‘cairara’; *manimy* ‘beija-flor’ → *manimyhu* ‘ariramba’; *arapaha* ‘veado foboca’ → *arapahahu* ‘veado mateiro’; *jawara* ‘cachorro’ → *jawaruhu* ‘onça’, *mukuri* ‘cuíca’ → *mukuruhu* ‘mucura’, *a'y* ‘preguiça’ → *a'yhu* ‘preguiça-real’, *arakaxa'a* ‘mamão do mato’ → *arakaxa'ahu* ‘mamão’.

É importante destacar que a raiz não marcada não precisa ser necessariamente uma entidade com existência concreta, mas pode ser um termo descritivo, uma expressão metafórica, como é possível observar no seguinte exemplo:

(5) *tapi'ikaramixi'i-ryn-uhū-a*

‘pau-pombo’ (esp. *Tapirira guianensis*) (Magalhães, dados inéditos)

Em (5), o sintagma nominal genitivo *tapi'ikaramixi'i* significa ‘rim da anta’, (*tapi'i* ‘anta’, *karamixi'i* ‘rim’), e ocorre associado ao sufixo *-ryn* (SEME) - o qual será tratado mais adiante neste capítulo - e depois ao morfema *-uhu* (INTS), referindo-se a uma árvore cujo nome literalmente significa ‘parecido com um rim grande de anta’, já que o fruto dessa árvore tem formato de rim, só que maior. No próximo exemplo observa-se fenômeno semelhante:

(6) *ka'aro-hu-a*

‘mirindiba’ (esp. *Lafoensia glyptocarpa*) (Magalhães, dados inéditos)

Assim como no exemplo anterior, o referente prototípico formado pelo sintagma nominal genitivo *ka'aro* ‘folha da planta’ (*ka'a* ‘mata/planta’, *r-* prefixo relacional, *o* ‘folha’) não é um ente, mas uma descrição. Conforme explicaram os Awá, o nome da espécie pode ser justificado assim:

(7) *ka'a* *h-o* *r-amãj-ma'a*

planta 3.II-folha R-ser.grande-NZR

‘(é) uma planta que tem folhas grandes’ (Magalhães, dados inéditos)

O sufixo intensificador ocorre também, em Guajá, anexado a raízes verbais, eventivas (8 a 10), como ilustrado a seguir.

- (8) *i-men-a* *i- 'ĩ-hy* *i-pe* *awije*
 3.II-marido-REFER 3.I-dizer-INTS 3.II-para sempre
 ‘o marido dela sempre brigava (falava forte) com ela’ (Magalhães, 2007, p. 201)
- (9) *a-jaho-hy* *ta* *xi* *ni = Ø-pamẽ* *Parasi Ø-pe*
 1.I-ir-INTS PROJ IMPERF 2.II = R-com Brasília R-para
 ‘eu queria imensamente ir para Brasília com você’ (Magalhães & Ferreira, 2021, p. 10)
- (10) *a-pyhyk-yhy* *apaj*
 IMP.SG-segurar-INTS logo
 ‘agarre-o logo!’ (Magalhães, dados inéditos)

Bem como no caso das raízes nominais, os verbos não marcados exprimem o conceito prototípico do evento e, quando associados ao sufixo intensificador passam a denotar um evento da mesma categoria, mas que é interpretado como mais intenso. Desta maneira, em (8) a raiz verbal eventiva 'ĩ ‘falar/dizer’ passa a denotar 'ĩhy ‘brigar verbalmente/discutir’ quando recebe o referido sufixo. O mesmo ocorre com *jaho* ‘ir’, que associado ao sufixo *-hy* e a partícula projetiva *ta* se torna *jahohy ta* ‘querer ir intensamente’, em (9) e *pyhy* ‘pegar/segurar/abraçar’, que se torna *pyhykyhy* ‘agarrar’, em (10).

Outros exemplos de raízes verbais eventivas que recebem esses morfemas são; *kaka'a* ‘defecar’ e *kaka'ahu* ‘ter.diarréia’. A raiz do verbo ‘ver’ é *xa(k)*, quando o morfema de intensificador é adicionado, *xak-uhu*, passa a significar ‘ter saudade’, ou seja, literalmente, ‘(querer) ver intensamente’.

O alomorfe *-hy* que é muito produtivo, aparentemente pode ocorrer com qualquer verbo eventivo e a semântica varia entre realizar a ação de maneira intensa, agressiva ou forçada, até, no caso de vir associado a um verbo no imperativo, realizar a ação de maneira mais rápida ou urgente, o que também pode ser interpretado como uma ordem realizada de modo mais incisivo, intenso como em (10).

Raízes verbais estativas também são amplamente encontradas associadas ao morfema intensificador, mas esse morfema encontra-se já lexicalizado, sendo que as raízes não ocorrem mais isoladamente, sem ele. É o caso de *pa'aruhu* 'estar.grávida', *ta'amuhũ* 'estar.molhado', *kara'ahỹ* 'estar.cansado', *manyhỹ* 'ser.feio', *rawahy* 'ser.amargo', *Ø-parahỹ* 'ser.bonito', *i-jamyhỹ* 'ser.fedido', *h-akatohõ* 'estar.saciado', entre outros tantos.

É interessante observar que, por mais que grande parte dessas raízes verbais estativas encontrem-se lexicalizadas com o referido sufixo intensificador, nomes próprios de pessoas que por ventura levem essas raízes ainda podem ocorrer sem eles e terem sua semântica reconhecida pelos falantes. É o caso, por exemplo, de *Iro*, nome de uma pessoa que, quando questionada sobre o significado, respondeu que tratava-se de “amargo”, vocábulo cujo núcleo é um verbo estativo e que no léxico Guajá já se tornou *i-rawahy* (3.II-ser.amargo) 'ser.amargo'. Essa raiz passou por modificações morfofonológicas resultantes da harmonia vocálica e lexicalização do sufixo intensificador, até chegar à forma atual, quais sejam: *i-ro* > *i-rawa* > *i-rawahy*. Ainda assim, sua forma antiga permanece acessível, mantida em formas nominais mais conservadoras como os nomes próprios.

Como o referido sufixo não tem mais função intensificadora sincronicamente, quando se quer denotar intensidade associada a um verbo estativo, a estratégia é sintática, combinando-se o verbo com as partículas intensificadoras *ra'o* 'muito' ou *rahy* 'demais': *i-rawahy ra'o* 'é muito amargo', *h-ajahy rahy* 'é azedo demais'.

Dessa forma, os dados analisados indicam que o sufixo categorizador intensificador ocorre como um morfema derivacional quando associado a nomes e verbos eventivos, mas foi definitivamente lexicalizado na raiz dos verbos estativos tornando necessário que a expressão de intensidade seja expressa por estratégia sintática e não mais morfológica.

Outro aspecto a ser destacado com relação à combinação do morfema intensificador a raízes verbais fica evidente no exemplo a seguir, quando o sufixo de intensidade *-hy* é acrescentado à raiz verbal eventiva *imarakwa* 'lembrar-se', tornando-se *imarakwahy* 'preocupar-se'.

- (11) *ʔi ina imarakwa-hy-pa “Ajpo karai*
 3.I-falar sentado lembrar-INTS-FIN POSS não.indígena
ka’a Ø-mamã ta kijẽ kua ajpo anỹ ty?”
 mata 3.I-destruir PROJ assim aqui POSS CONJ INTERJ
 ‘Ele falou preocupado: “Assim é provável que o não indígena destrua essa mata aqui também!”’ (Berto e Magalhães, a ser publicado)

Por mais que, se nos embasarmos exclusivamente na semântica, em alguns casos seja difícil compreender as raízes que ocorrem com morfemas dimensionais como raízes verbais derivadas (como, por exemplo, no caso de com *jaho* ‘ir’, que se torna *jahohy* ‘ir intensamente’), o aspecto derivacional do morfema pode ser atestado semanticamente em pares de palavras como *imarakwa* ‘lembrar-se’ e *imarakwahy* ‘preocupar-se’, mas também formalmente, em todos os casos, conforme destacado em Magalhães & Ferreira (2021) ao classificarem os morfemas intensificador e atenuativo como derivacionais e não flexionais.

A abordagem foi feita por meio da análise desses morfemas considerando o *continuum* Flexão *versus* Derivação, com a finalidade de avaliar as propriedades dos morfemas como um todo, evitando-se fazer uma escolha arbitrária de critérios específicos. As características que justificam a proposta são: a) não são relevantes para a sintaxe da língua, sendo o uso determinado pelo contexto lexical; b) terem distribuição ampla, isto é, serem associados a raízes verbais e nominais, c) afetam de maneira significativa o significado da raiz a que se associam; d) a noção gramatical atribuída a eles não é obrigatoriamente expressa nessas classes; e) são expressos em posição imediatamente após à base, antes de morfemas flexionais, como o referenciante *-a*; f) raramente induzem alomorfia da base; e g) não ocorrem em paradigmas regulares.

Sobre às possibilidades de combinação, o sufixo de intensidade também pode ser associado ao verbo sendo intermediado por partículas que estabelecem com essa raiz verbal uma relação morfológica mais intrínseca (denominadas por Magalhães 2007 de “partículas intra-predicado”), como a partícula *katy* ‘bem’, conforme ilustram os exemplos (12) e (13) a

seguir⁴. Nesse caso, a partícula forma com o verbo um item lexical complexo, tendo o morfema classificador ao final intensificando o significado resultante da associação do verbo com a partícula.

- (12) *ari-japo-katy-hy* *ira* \emptyset -*pepereruhua* 'ykwa'i
 13.I-construir-bem-INTS madeira R-ponte igarapé
waha-pa *haporima'a* *r-ape* *remẽ*.
 atravessar-FIN quadriciclo R-caminho TRANS

‘Construímos muito bem uma ponte de madeira para servir de caminho do quadriciclo para atravessar o igarapé’ (Berto e Magalhães, a ser publicado)

- (13) *ari-xa-katy-hy* *ari=∅-ka'a-∅* 'ape anỹ.
 13.I-ver-bem-INTS 13.II=R-mata- REFER lá CONJ

‘A gente vigia muito bem o caminho da mata lá’ (Berto e Magalhães, a ser publicado)

Em (14) e (15), encontramos o sufixo *-hu* associado a vocábulos resultantes da lexicalização de raízes nominais (*hamuru* ‘tamanho médio’) ou verbais (*manẽ* ‘demorar’) com a partícula *katy* em sua forma mais arcaica *katu*: *hamurukatu* significa algo de tamanho ‘maior que o mediano’ e *manẽkatu*, que significa algo próximo a ‘demorar um longo período’.

⁴ A partícula de maneira *katy* ‘bem’ se gramaticalizou a partir do verbo estativo ‘ser/estar bem’, não mais existente no Guajá, mas atestado em outras línguas da família, possivelmente tendo como base construções em que figurava como segundo verbo de uma construção de verbos seriais (*Serial Verb Construction - SVC*): (Magalhães, 2019, p. 908).

a-'u *katy*
 I.I.-comer bem
 ‘eu comi bem’ (Magalhães, 2019, p. 908)

A partícula *katy* também pode formar com o verbo um único item lexical complexo, resultante da união da raiz verbal com a partícula e tendo o nominalizador ao final.

u-'u-katy-xipe-ma'a
 3.I -comer-bem-FOC.CONTRAS-NZR
 ‘a que é boa comedora’ (Magalhães, 2007, p. 95)

- (14) *hamurukatu-hu-a* \emptyset -*iku* *py* *i-hi* \emptyset -*pyry*
 médio.bem-INTS-REFER 3.I-ficar primeiro 3.II-mãe R-junto

‘As crianças de tamanho maior que o mediano ficam primeiro com a mãe’

(Berto e Magalhães, a ser publicado)

- (15) *manẽkatu-hu* *mehẽ* *ha-mi-'u-a* \emptyset -*mihĩ*
 demorar.bem-INTS quando 3.II-NZR-comer-REFER 3.I-cozinhar

kwa *anyĩ.*

aprender CONJ

‘Quando passa um longo período, (ela) aprende a cozinhar a comida’

(Berto e Magalhães, a ser publicado)

Aqui é possível perceber que o sufixo intensifica os elementos que o antecedem, tanto a raiz como o conjunto raiz + partícula, na sua forma lexicalizada em (14 e 15) e em (13 e 14). O morfema intensificador contribui para a classificação da entidade ou evento como significativamente maior ou intenso, uma vez em que são associadas a semântica de *katy/katu* ‘bem’ com a semântica de *-hy/-hu* (INTS).

O outro morfema categorizador dimensional é o sufixo atenuativo -’*ĩ*, que e se associa à raiz do termo prototípico para acrescentar a ele a semântica de atenuação, isto é, ao ser anexado a esse sufixo, o nome passa a referir-se a outro membro da mesma categoria da raiz, porém caracterizado pela sua menor dimensão, como em:

- (16) a. *jawatara- \emptyset*

lontra-REFER

‘lontra’ (esp. *Lontra longicaudis*) (Magalhães, 2007, p. 161)

b. *jawatara-’i-a*

lontra-ATEN-REFER

‘doninha amazônica’ (esp. *Mustela africana*) (Magalhães, 2007, p. 161)

Assim, o mamífero *jawatara* ‘lontra’, que mede cerca de 1,30 metros de comprimento e pesa cerca de 25 quilos é o membro prototípico da categoria, à qual também pertence a ‘doninha amazônica’ também conhecida popularmente como ‘furão’, espécie menor, não aquática, que chega a medir no máximo 30 centímetros.

Também são exemplos de raízes nominais que ocorrem com o sufixo atenuativo: *ararakỹ* ‘arara vermelha grande ou araracanga’ → *arari* ‘arara canindé’, *panyĩ* ‘borboleta’ → *pana’ĩ* ‘esp. pequena de borboleta’, *pira* ‘peixe’ → *pira’i* ‘piabinha’, *tamarawã* ‘tamanduá-bandeira’ → *tamarawã’ĩ* ‘tamanduá de colete’. Em nomes de plantas, no entanto, esse morfema é encontrado associado a espécies que produzem sementes e pode ser traduzido como ‘semente de’, isto é, a planta no seu estágio menor. Assim, *tatawa’ĩ* refere-se à semente da árvore *tawawa* (esp. *Ocotea immersa*). Da mesma forma, *paparani’ĩ* é a semente da planta *paparani* ‘breu’ (esp. *Protium aracochini*) e *takamy’ĩ* é a semente da palmeira *takamyĩ* ‘tucumã’ (esp. *Astrocaryum vulgare*). Encontramos, inclusive, o uso figurado desse morfema no caso de *maka* ‘arma de fogo’ e *maka’ĩ* ‘munição’ (isto é, ‘semente da arma de fogo’). Nesses casos, o alomorfe utilizado é sempre o -’ĩ.

Além de ser produtivo para a criação de novos nomes, o sufixo atenuativo também ocorre anexado a qualquer raiz verbal eventiva, sempre por meio do alomorfe *-kaĩ*, denotando, dentro do escopo da noção de atenuação, uma ação realizada de maneira mais breve, quando associada a verbos no modo indicativo (17) e denotando uma maneira mais atenuada/polida de se dar a ordem, em orações no modo exortativo (18) ou imperativo (19 a 22).

- (17) *a-roho-kaĩ* *kahu-a*
 1.I-levar-ATEN carro- REFER
 ‘eu levei (dirigi) o carro um pouquinho’ (Magalhães, dados inéditos)
- (18) *amẽ* *t-a-’ĩ-kaĩ* *i-pe*
 PERM EXOR-1.I-falar-ATEN 3.II-DAT
 ‘deixa eu falar pra ele um pouquinho’ (Magalhães, dados inéditos)
- (19) *a-mihĩ-kaĩ* *nijã* *nỹ*
 2.IMP-cozinhar-ATEN você CONJ
 ‘pode cozinhar você mesmo!’ (Magalhães, dados inéditos)
- (20) *a-pyhy-kaĩ* *ni=Ø-mymyr-a* *anỹ*
 2.IMP-pegar-ATEN 2.II-R-filho- REFER CONJ
 ‘pode pegar o seu filho você!’ (Magalhães, dados inéditos)
- (21) *a-mitika-kãj* *nijã* *nỹ*
 2.IMP-lavar-ATEN você CONJ
 ‘pode você mesmo lavar (sua roupa)!’ (Magalhães, dados inéditos)
- (22) *wari-a* *a-jka-kãj* *nijã* *anỹ*
 guariba- REFER 2.IMP-matar-ATEN você CONJ
 ‘pode matar você mesmo o guariba!’ (Magalhães, dados inéditos)

(25) *i-kira* *mixi-kaĩ*

3.II-ser.gordo pouquinho

‘ele é um pouquinho gordo’ (Magalhães, dados inéditos)

Portanto, ao analisar os dados coletados por Magalhães no que tange à relação do sufixo categorizador atenuativo com as raízes, é possível constatar, pelos mesmos motivos apontados anteriormente para o sufixo intensificador, que podemos manter a análise de Magalhães e Ferreira (2021) sobre a interpretação desse morfema como derivacional em nomes e em verbos eventivos. Já com verbos estativos, a atenuação se dá por estratégia sintática.

3.2 Morfema categorizador de semelhança (SEME)

Já o sufixo *-rỹ(n)*, denominado por Magalhães (2007, p. 165) como “sufixo de semelhança” e descrito como um “sufixo derivativo endocêntrico, exclusivo dos nomes”, caracteriza-se adicionalmente, em nossa análise, por modificar a raiz a que se anexa apresentando-a como um novo referente que se aproxima do referente prototípico por conter traços semelhantes, porém não expressos de forma explícita por meio de raízes descritivas ou definições gramaticais específicas (como dimensão, por exemplo).

O alomorfe *-rỹn* ocorre quando ele é seguido pelo sufixo referenciante *-a* e a forma variante *-rỹ* ocorre quando não é seguido deste sufixo. Em algumas variedades do Guajá, ocorre também o aloforme *-nỹ(n)* quando o morfema está associado a uma raiz terminada em vogal nasal.

Em estudos sobre outras línguas da família Tupi-Guarani, a interpretação deste morfema está normalmente associada ao significado de ‘semelhante a’ ou ‘falso’, o que também pode ser entendido como ‘não autêntico’, conforme nossa interpretação, considerando que o referente autêntico seria aquele que, na cosmovisão Awa Guajá representaria o elemento mais prototípico da categoria.

- (26) a. *xahu-a*
 queixada-REFER
 ‘queixada’ (esp. *Tayassu pecari*) (Magalhães 2007, p. 165)
- b. *xahu-rỹn-a*
 queixada-SEME-REFER
 ‘porco doméstico’ (esp. *Sus scrofa domesticus*) (Magalhães, 2007, p. 165)

Desta forma, o ‘porco queixada’ é a referência central da categoria *xahu*, enquanto aquele que denominamos de ‘porco doméstico’ é para os Awa Guajá uma espécie similar não prototípica, o *xahurỹna*. O uso deste morfema para caracterizar a diferença entre ambos deixa claro que para os Awa Guajá não é a dimensão a propriedade mais marcante que os distingue, mas características outras não explicitadas nem por meio dos morfemas categorizadores dimensionais, nem por meio da associação da raiz com nomes ou verbos estativos que enfatizariam uma característica. O mesmo ocorre nos exemplos a seguir.

- (27) a. *wari-a*
 guariba-REFER
 ‘guariba’ (esp. *Alouatta belzebul belzebul*) (Magalhães, dados inéditos)
- b. *wari-nỹ-a*
 guariba-SEME-REFER
 ‘guariba vermelho’ (esp. *Alouatta seniculus*) (Magalhães, dados inéditos)
- (28) a. *kwaxi-a*
 quati-REFER
 ‘quati’ (esp. *Nasua nasua*) (Magalhães, dados inéditos)

- b. *kwaxi-rỹn-a*
 quati-SEME-REFER
 ‘guaxinim’ (esp. *Procyon lotor*) (Magalhães, dados inéditos)
- (29) a. *takamỹ-a*
 tucumã-REFER
 ‘tucumã’ (esp. *Astrocaryum aculeatum*) (Magalhães, dados inéditos)
- b. *takamỹ-rỹn-a*
 tucumã-SEME-REFER
 ‘buriti’ (esp. *Mauritia flexuosa*) (Magalhães, dados inéditos)
- (30) a. *myky’a-a*
 pequi-REFER
 ‘pequi’ (esp. *Caryocar brasiliense*) (Magalhães, dados inéditos)
- b. *myky’a-rỹn-a*
 pequi-SEME-REFER
 ‘pequiá’ (esp. *Caryocar villosum*) (Magalhães, dados inéditos)

Isso significa que, do ponto de vista Awá, tanto os animais guariba (27a) e quati (28a) como os frutos tucumã (29a) e pequi (30a) são mais representativos de suas categorias, sendo o guariba vermelho (27b), o guaxinim (28b), o buriti (29b) e o pequiá (30b) descritos como semelhantes à espécie de referência, correlacionados em suas respectivas categorias. O exemplo a seguir também é ilustrativo da semântica associada ao sufixo *-rỹn*:

- (31) a. *karai-a*
 não.indígena-REFER
 ‘não indígena’ (Magalhães, 2007, p. 165)
- b. *karai-rỹn-a*
 não.indígena-SEME-REFER
 ‘estrangeiro’ (lit. ‘semelhante ao não indígena’) (Magalhães, 2007, p. 165)

Para entender o uso desse sufixo no dado acima, é fundamental compreender que na cosmologia Awa Guajá há uma divisão em categorias que diferenciam tipos de seres humanos. Eles podem pertencer à categoria dos *awa* ‘Awa Guajá’, *kamara* ‘indígenas de outras etnias’, *karai* ‘não indígenas’ ou *karawara* ‘humanos celestes’.

O contraste entre (31a) e (31b) revela que os estrangeiros, ou não brasileiros, pertencem à mesma categoria humana ‘não indígena’ *karai*, mas por terem uma língua distinta e características físicas que apesar de semelhantes se distanciam do protótipo não indígena (possivelmente por terem uma outra língua, apresentarem características física distintas ou até mesmo hábitos alimentares diferentes, em geral), passam a ser denominados de *karairỹ*, isto é, ‘aqueles que se assemelham aos não indígenas prototípicos’. Os Awa Guajá também denominam de *kamararỹ* os povos africanos que identificam em imagens e vídeos como parte de sociedades tribais e que poderíamos traduzir, de acordo com nossa interpretação do sufixo como ‘aqueles que se assemelham aos indígenas prototípicos de outras etnias’. Assim, o fato de esses povos africanos se organizarem em aldeias, serem caçadores, usarem trajes e adereços característicos de sociedades tribais, mas ao mesmo tempo não serem parte de nenhuma etnia indígena próxima conhecida por eles justifica inseri-los na mesma categoria dos *kamara* ‘indígenas de outras etnias’, mas com um distanciamento que marca essas diferenças.

Esse sufixo cria novos itens lexicais na língua e são muito produtivos para caracterizar, além das categorias humanas, espécies distintas de animais, vegetais, ocorrendo exclusivamente associado a nomes: *teju* ‘teiú’ → *tejurỹ* ‘lagartixa’, *araku* ‘galinha do mato’ → *arakurỹ* ‘frango-d’água-azul’, *iroho* ‘gavião’ → *irorỹ* ‘falcão’, *jawara* ‘cachorro’ → *jawarỹ* ‘cachorro mão-pelada’, *waja* ‘goiaba do morro’ → *wajarỹ* ‘goiaba-de-anta’.

Apesar de esse morfema ocorrer exclusivamente associado a nomes, há na língua Guajá uma partícula epistêmica similitiva (SIMIL) *rawỹ* (MAGALHÃES, 2007, p. 116) que é foneticamente próxima ao sufixo categorizador de semelhança e ocorre associada a predicados verbais ativos, estativos e nominais denotando semelhança:

- (32) *a-kere* *rawỹ* *te* *i-pe* *xĩ*
 1.I-dormir SIMIL AUT.CONTRAS 3.II-para PERF
pape *a-japo* *tapo* *ko* *ha = r-ipa-pe*
 papel 1.I-fazer deitado aqui 1.II = LK-casa-LOC
- ‘apesar de parecer para ele que eu estava realmente dormindo, eu estava estudando (fazendo papel) deitada aqui na minha casa’ (Magalhães, 2007, p. 117, interpretação nossa)

- (33) *ha = Ø-kara ’ahỹ* *rawỹ* *i-pe* *xĩ* *ha = r-atỹ*
 1.II = LK-estar.cansado SIMIL 3.II-para PERF 1.II = LK-ser.forte
- nuhu ’ũ*
- CONT.EXP

‘apesar de parecer cansada para ele, não é que eu sou forte?!’ (Magalhães, 2007, p. 117, interpretação nossa)

- (34) *a’e* *pãj* *awa-Ø* *rawỹ* *karai-rỹn-a*
 DEM TOT Guajá-REFER SIMIL não.indígena-SEME-REFER
- amõ-a*
- outro- REFER

‘Eles todos são parecidos com Guajá. Os estrangeiros são diferentes (são outros)’ (Magalhães, 2007, p. 117, interpretação nossa)

Ainda não é possível saber se há alguma relação diacrônica entre esses modificadores gramaticais ou se a similaridade funcional e fonética entre eles é casual.

3.3 Morfema categorizador de autenticidade contrastiva (AUT.CONTRAS)

O morfema *-te* (AUT.CONTRAS) tem escopo mais amplo que os demais, podendo ocorrer associado a raízes verbais, nominais, pronomes independentes e expressões adverbiais. Sua alomorfia é determinada foneticamente, sendo a forma *-te* associada a raízes terminadas em vogais e a forma *-ate ~ -ete* associada a raízes terminadas em consoantes, sendo *-ate* exclusiva de formas verbais.

Além de ter escopo mais amplo que os demais sufixos, combinando-se com raízes verbais, nominais, pronomes independentes e expressões adverbiais, o sufixo categorizador de autenticidade contrastiva tem função distinta porque atua no nível discursivo e não no lexical. Isto é, esse morfema não cria um novo item lexical, mas contrasta o referente, o evento ou a expressão adverbial entendidos como autênticos ou prototípicos com outro inserido no contexto discursivo. Ou seja, ainda que esteja associado com uma função categorizadora, a função que o morfema *-te* exerce é, na verdade, oposta em relação aos demais: a raiz associada a ele terá seus traços autênticos realçados, no sentido de evidenciar que aquela entidade ou evento/estado é a que carrega as características próprias da categoria quando colocada em contraste, no contexto discursivo, com outro membro da mesma categoria, conforme podemos inferir a partir do exemplo a seguir:

- (35) – *ka 'i-hu-a* *nawani*, *ka 'i-a* *'ani ko?*
 macaco-INTS-REFER não macaco-prego-REFER DEIT aqui
 ‘esse aqui não é um macaco cairara (*ka 'ihua*), é um macaco-prego (*ka 'ia*), né?’

– *A 'e, ka 'itea!*

sim macaco-prego-AUT.CONTRAS-REFER

‘sim, é um autêntico macaco-prego (*ka 'i + -te*)’ (Magalhães, dados inéditos)

Assim, no contexto em que foi indagado se o animal que estava sendo observado era um *ka'ihu* ‘macaco cairara’ ou um *ka'i* ‘macaco-prego’, o sufixo *-te* foi utilizado anexado ao nome *ka'i* para enfatizar que o referente se tratava do ‘macaco-prego’ autêntico e não do *ka'ihu* ‘macaco cairara’, um membro similar da mesma categoria.

O mesmo tipo de contraste poderia ser feito invertendo-se as espécies. Caso o animal sobre o qual se estava indagando tratasse de um *ka'ihu* ‘macaco cairara’, a resposta para a pergunta seria: *A'e, ka'ihutea*, isto é, ‘sim, é um autêntico macaco cairara’. O que essa constatação nos permite concluir é que o morfema categorizador de autenticidade contrastiva *-te* não se anexa apenas em raízes não marcadas, mas em qualquer raiz cujos traços característicos precisem ser enfatizados num contexto contrastivo. Mesmo que esses traços característicos da espécie, portanto autênticos, sejam resultantes da associação da raiz prototípica de uma categoria com um modificador, como *ka'ihu* [*ka'i* + *-hu* (INTS)].

Até mesmo quando o contraste não é explícito no contexto discursivo, o sufixo *-te* exprime a ideia de “pressuposição”, isto é, a raiz ou radical ao qual se anexa é tomado como sendo autêntico representante de uma categoria “(seja por definição, seja por concordância prévia ou por convenção genérica compartilhada culturalmente), por ser óbvio para todos os presentes no ato de fala ou por ter sido gerada pelo falante e continuar inalterada por parte do ouvinte.” (GIVÓN, 2001, p. 301). Os dados a seguir corroboram essa análise:

(36)	<i>aria</i>	<i>awa-∅</i>	<i>ari-japo</i>	<i>ari=r-y'y-te-a</i>
	nós	awá-REFER	13.I-fazer	13.II=R-flecha-AUT.CONTRAS-REFER
	<i>wari</i>	<i>∅-ika-har-a</i>		
	guariba	R-matar-NZR-REFER		

‘Nós Awa Guajá fazemos nossas autênticas flechas matadoras de guariba’

(Berto e Magalhães, a ser publicado)

(37)	<i>ira-ja-te-a</i>	<i>karawara</i>	\emptyset - <i>iwa-p-ahar-a</i>	<i>wỹ</i>
	árvore-dono-AUT.CONTRAS-REFER	karawara	R-céu-LOC-NZR-REFER	PLU

‘Os autênticos donos das árvores são os Karawara, moradores do céu’

(Berto e Magalhães, a ser publicado)

Em (36), *ariry'ytea* ‘nossas autênticas flechas’ contrasta com o referente implícito, que seria outro tipo de flecha com características interpretadas como não autênticas. Em (37), *irajatea* ‘autênticos donos das árvores’ contrasta com um pressuposto discursivamente subentendido de que haveria outros donos de árvores diferentes dos *karawara* que não seriam representantes autênticos dessa categoria.

O fato de que esse reforço na autenticidade dos traços se dá contrastivamente, conforme ilustram os dados anteriores, evidenciam uma função discursiva desse morfema, em contraste com a dos demais morfemas categorizadores, cuja função se restringe ao nível da morfologia lexical. Isso explica, inclusive, o motivo de nas listas de nomes de espécies da fauna e flora coletados, muitos dos referentes virem associados ao morfema *-te*, uma vez que eles estavam sendo contrastados com outros membros da mesma categoria na lista que fora preparada previamente. Fora de um contexto de contraste, os mesmos referentes são denominados sem o modificador. Dessa análise surge a proposta de determinar sua função como aquele que marca uma autenticidade contrastiva (AUT.CONTRAS).

Seguindo essa interpretação, podemos entender porque a raiz nominal *awa* ‘gente’, que é usada pelos Awa Guajá como etnônimo autodenominativo, pode ser combinada com *-te*, *awate*, passando a referir-se a um grupo de Awa Guajá com determinadas características consideradas prototípicas/autênticas quando contrastado com outro grupo de Awa Guajá com características similares, referido apenas como *awa* ‘gente’. (Magalhães e Garcia 2022, no prelo).

(38)	a.	<i>awa-\emptyset</i>
		gente-REFER
		‘gente/ os Awa Guajá’

b. *awa-te-a*

gente-AUT.CONTRAS-REFER

‘gente verdadeira, autêntica/ os Awa Guajá autênticos’

Deste modo, *awatea* seria usado num contexto onde se pretende contrastar que um grupo de pessoas seria mais autenticamente representativo, na concepção do falante, do que de outro, denominado, por sua vez por meio do referente sem qualquer sufixo⁵.

Quando associado a raízes verbais, o evento (39 e 40) ou estado/qualidade (41) é tomado como sendo óbvio para todos os presentes no ato de fala, isto é, como contendo autenticamente aqueles traços, num contexto discursivo em que aquela ação ou estado está potencialmente em contraste com outro.

- | | | | | |
|------|--|--------------|--------------------|---------------------------|
| (39) | <i>Ø-watar-ate</i> | <i>awije</i> | <i>are =Ø-ka'a</i> | <i>r-ehe</i> |
| | 3.I-andar-AUT.CONTRAS | sempre | 1.II.PL= LK-mata | LK-sobre |
| | ‘ele obviamente/realmente anda sempre na nossa mata’ | | | (Magalhães, 2007, p. 118) |

- | | | | | |
|------|---|-----------------------|------------|---------------------------|
| (40) | <i>nijã</i> | <i>ara-kwa-te</i> | <i>awa</i> | <i>ĩ-há</i> |
| | você | 2.I-saber-AUT.CONTRAS | Guajá | LK-falar-NZR |
| | ‘você obviamente/realmente sabe a língua dos Awa Guajá’ | | | (Magalhães, 2007, p. 118) |

⁵ O sufixo de autenticidade contrastiva difere da partícula de foco contrastivo *xipe* (FOC.CONTRAS) no sentido de que o contraste estabelecido pelo primeiro está centrado nas características do referente ou evento da raiz a que se anexa, entendido pelo falante como autênticas. Já a partícula de foco contrastivo é utilizada "quando há um contraste ou correção da informação anterior (Magalhães 2007: 96, destaque nosso):

<i>ari-xa</i>	<i>xipe</i>	<i>kamixa-Ø</i>	<i>anyĩ</i>
1.I.PLU-ver	FOC.CONTRAS	jabuti-REFER	ADIT
‘o que vimos foi jabuti (e não onça)’			

(41) *japa'a-te*

ser.curto-AUT.CONTRAS

‘é obviamente/realmente curto’ (Magalhães, 2007, p. 118)

É, então, justamente esse uso discursivo do sufixo de autenticidade contrastiva que permite que ele tenha estendido seu escopo para tantas outras classes de palavras. Isto é, enquanto os demais morfemas categorizadores restringem sua combinação a raízes nominais e verbais (no caso do *-rỹ* apenas a raízes nominais), o sufixo *-te* pode ser anexado também a pronomes e expressões adverbiais, como será apresentado a seguir.

O exemplo abaixo ilustra a possibilidade que o sufixo de autenticidade contrastiva *-te* tem de combinar-se com pronomes independentes:

(42) *jaha-te-a*

xikari

Ø-hy-a

eu-AUT.CONTRAS-REFER

menina

R-mãe-REFER

‘sou eu mesma a mãe da menina’ (Magalhães, dados inéditos)

Neste exemplo, a intenção da falante é comunicar que ela, em primeira pessoa, é o referente autêntico sobre quem se fala. O contexto diz respeito a uma discussão entre mãe e filha presenciada por um espectador que questiona a mãe: Você é mesmo mãe dela? Pois aparentemente ela não te respeita! A mãe, então, responde, usando o *-te* associado ao pronome de primeira pessoa *jaha*, conforme o dado acima, reforçando a sua autenticidade enquanto referente.

No dado abaixo, o contexto se refere a uma situação em que um caçador volta da caçada com vários porcos queixadas e é questionado sobre se teve ajuda para matar aquela quantidade de caça, ao que ele responde que não, pois matou sozinho.

- (48) *a-kere* *rawỹ te* *i-pe* *xĩ*
 1.I-dormir SIMIL AUT.CONTRAS 3.I-para PERF

‘Realmente, parece que, para ele, eu estava dormindo.’ (Magalhães, dados inéditos)

O dado a seguir ilustra o mesmo morfema gramatical nas duas distribuições morfossintáticas possíveis em que é encontrado na língua.

- (49) *xape* *kamara-∅* *∅-ma'i* *xi*
 CONCLU indígena-REFER 3.I-falar IMPERF
- awije* *ari=∅-pe* *anỹ* “*A'e* *rawỹ* *te*
 frequentemente 13.II=R-para CONJ DEM SIMIL AUT.CONTRAS
- i-ka'a-te-a* *xĩ'*, *∅-i* *xi*
 3.II-mata-AUT.CONTRAS-REFER PERF 3.I-falar IMPERF
- ari=∅-pe* *anỹ*.
 13=R-para CONJ

‘É por isso que os parentes ficam sempre falando para nós: ‘essa parece realmente ser a mata autêntica deles (mas não é)’, eles dizem para nós.

(Berto e Magalhães, a ser publicado)

Enquanto associado à raiz *ka'a* ‘mata’, o sufixo estabelece o contraste implícito no discurso entre a mata autêntica e uma mata que não seria verdadeiramente deles. Na sua ocorrência como partícula, tem escopo maior sobre o conjunto demonstrativo + partícula similitiva, *a'e rawỹ te* ‘essa parece realmente ser’, reforçando o sentido do que se afirma.

Em resumo, nossa análise sobre o comportamento diferenciado do morfema de autenticidade contrastiva *-te* em relação aos demais morfemas categorizadores sugere que sua função seja exclusivamente discursiva, e não lexical como os demais.

Esse uso justificaria o motivo de qualquer classe de palavra lexical (pronomes, verbos e advérbios) pode combinar-se com o sufixo para promover um reforço nos traços dos referentes e eventos subentendidos como prototípicos/autênticos/óbvios em contraste com os que não são. Ex: *ka'i-te* '(é) macaco-prego **mesmo**'; *jaha-te* '(sou) eu **mesmo**'; *kwa-te* '(ele) **realmente** sabe'; *kumehẽ-te* 'hoje em dia **mesmo**'.

No entanto o uso discursivo do morfema tem se estendido também para a sentença denotando um reforço contrastivo, uma ênfase, naquilo que se comunica. Assim, sincronicamente, é possível atestar duas etapas de desenvolvimento deste categorizador. A primeira, como um marcador morfológico, e a segunda, provavelmente desenvolvida num passado mais recente, em que se atesta uma partícula sentencial *te* que tem o escopo maior do que quando ocorre como sufixo anexado à raiz lexical, podendo abarcar o predicado associado a outros constituintes. Ex: *a-kere rawỹ te* 'parece que eu **realmente** dormi'.

Para finalizar esta seção, considerando o conjunto dos quatro morfemas de categorização do Guajá aqui descritos, cada um com suas especificidades em termos semânticos e possibilidades de combinação, ressaltamos sua função comum categorizadora, no sentido de que auxiliam a construir a referência do nome ou o escopo do evento ou do estado verbal a partir de um fundamento semântico baseado em traços de propriedades.

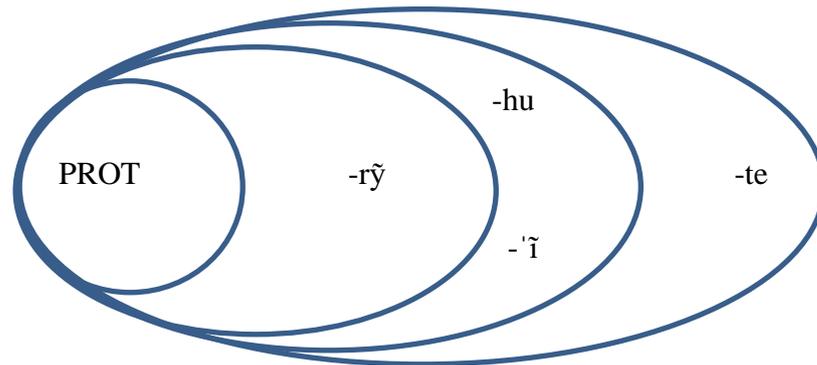
Nossa análise aponta para uma conclusão de que os quatro morfemas constituem um conjunto de sufixos que definem entidades e eventos em termos do quanto se aproximam ou se afastam de um protótipo não marcado no que diz respeito à dimensão ou a outras características, ou permitem que os traços característicos dessas entidades ou eventos/estados sejam reforçados contrastivamente com outros inferidos no contexto discursivo. Corroboram, dessa forma, o que foi sustentado no capítulo anterior, na medida em que o vasto e disforme fluxo de impressões captadas pelos sentidos encontra na categorização um mecanismo de sistematização, síntese e configuração.

3.4 Hierarquização entre os morfemas de categorização

Antes de finalizar esse capítulo descritivo, é fundamental apresentarmos as possibilidades de combinação entre os morfemas de categorização com uma mesma raiz. Podemos representar da seguinte maneira a hierarquia entre eles:

RAIZ > -rỹ > -hu /-'ĩ > -te

O esquema a seguir também é representativo do gradiente hierárquico entre os morfemas, considerando que o círculo maior envolve todos os membros possíveis de uma determinada categoria, incluindo o uso deles em contexto contrastivo com o sufixo *-te*:



O esquema ilustra a possibilidade que uma mesma raiz nominal tem de receber até três sufixos categorizadores, a depender do contexto. Assim, os morfemas dimensionais *-hu* (INTS) e *-\'ĩ* (ATEN) são mutuamente exclusivos entre si, mas podem ser antecidos pelo sufixo similitivo *-rỹ* (SEME), justamente porque suas funções podem ser combinadas: um mesmo referente pode expressar, pela combinação de ambos, a semelhança com a entidade considerada prototípica, ocorrendo mais intimamente relacionado à raiz, além do distanciamento dimensional em relação à esta mesma entidade (*-hu* dando destaque à dimensão maior do referente e *-\'ĩ* à dimensão menor).

Podemos encontrar na língua, por exemplo, um referente prototípico, representante central de uma categoria, associado aos distintos morfemas, criando novos referentes, sendo os dimensionais mutuamente exclusivos, como em (4) no capítulo 2, repetido abaixo como (50), ou podendo haver a combinação dos sufixos dimensionais com o similitivo *-rỹ*, como em (51):

- (50) *jawatara* ‘lontra’ (esp. *Lontra longicaudis*): referente prototípico da categoria
jawatarahua ‘ariranha’ (esp. *Pteronura brasiliensis*): membro da categoria *jawatara* caracterizado por ter dimensões maiores
jawatara ia ‘doninha amazônica ou furão’ (esp. *Mustela Africana*): membro da categoria *jawatara* caracterizado por ter dimensões menores
- (51) *xiramykã* ‘calango’ – referente prototípico da categoria
xiramykrỹnuhũ ‘iguana’ - membro da categoria *xiramykỹ* caracterizado tanto por ter semelhança com o calango (-rỹn), que é o referente prototípico, quanto por ter dimensões maiores (-uhũ).

Por outro lado, ao encontrar registro diacrônico da possibilidade de combinação dos morfemas dimensionais com uma raiz, a ordem torna-se diferente, porque estes encontram-se lexicalizados. É o caso de *wiroho* ‘gavião’, resultado da combinação já lexicalizada de *wira* ‘pássaro’ com *-hu* (INTS), que sincronicamente não pode ter a sílaba [ho] interpretada mais como um morfema. Assim *wiroho*, tornou-se o representante central da categoria ‘gavião’, e, ao ser combinado ao sufixo *-rỹ* (SIMIL), passa a denominar um novo referente: *wirohorỹ* ‘gavião bombachinha’, com *-rỹ* ocorrendo após o antigo morfema intensificador.

Já o sufixo *-te* (AUT.CONTRAS) pode-se combinar diretamente com a raiz ou imediatamente após os morfemas *-rỹ(n)* e *-hu/-ĩ*. Isso porque sua função, diferentemente da dos demais, é a de enfatizar os traços característicos do membro a que se anexa, sejam eles quais forem, isto é, tem função complementar à de expressar distanciamento do protótipo.

Deste modo, considerando a diferença entre *aninake* ‘esp.de palma’ e *aninakerynuhũ* ‘palma do norte’ num contexto em que se encontra uma palma e se quer certificar se trata de uma espécie distinta ou da palma do norte, é possível enfatizar que se trata desta última utilizando o termo *aninakerynuhũtea* ‘(é) a autêntica palma do norte’, resultante da combinação do nome prototípico *aninake* ‘esp. de palma’, associado aos morfemas *-rỹ* (SIMIL), *-uhũ* (INTS) e *-te* (AUT.CONTRAS).

O dado a seguir ilustra a complexidade a que pode chegar a combinação entre esses morfemas a depender do contexto: no Guajá, as etapas de vida (correspondente ao que

concebemos como faixa etária) são descritas por meio de itens lexicais que remetem a tamanho, nível de aprendizado de tarefas básicas e acúmulo de experiência. A raiz nominal *hamurukatu* ‘tamanho.mediano’, que descreve uma etapa na vida da criança, pode receber uma série de morfemas categorizadores que descreverão, a cada adição de sufixo, uma fase específica. Assim, *hamurukatu* denomina a fase em que a criança já não é mais bebê/pequena. A fase seguinte é a denominada de *hamurukatuhu* ‘maior que o tamanho mediano’, em que o sufixo intensificador *-hu* deriva um novo item lexical que denomina a criança numa fase em que, apesar de já saber andar sozinha, ainda precisa acompanhar a mãe. A etapa seguinte é denominada de *hamurukatuhute*, quando o radical recebe o morfema de autenticidade contrastiva *-te*, passando a significar literalmente ‘(é) realmente maior que o tamanho mediano’ e, ao final, esse novo radical complexo ainda pode receber mais um sufixo intensificador *-he* (alormorfia resultante da harmonia vocálica) que adiciona mais um nível na gradação interna da desses estágios por meio da associação dos morfemas categorizadores.

(52)	<i>Hamurukatu-hu-te-he</i>	<i>mehẽ</i>	<i>xiru</i>	<i>Ø-mitik-aha</i>
	médio-INTS-AUT.CONTRAS-INTS	quando	roupa	R-lavar-NZR
	<i>Ø-kwa</i>	<i>kyry'y</i>		
	3.I-saber	MUD		

‘Quando (a menina) é ainda maior que uma *hamurukatuhute*, passa a aprender a lavar roupa’ (Berto e Magalhães, a ser publicado)

Por fim, vale ressaltar que, numa análise que leva em conta a perspectiva de que a semântica lexical das palavras pode mudar diacronicamente, podemos concluir que a mudança de significado realizada via morfemas categorizadores reflete uma mudança conceitual na categorização. Cada acréscimo de morfema na raiz *hamurukatu* acima representa uma nova etapa de vida na descrição de como as pessoas amadurecem do ponto de vista Awá.

De forma similar podemos interpretar mudanças mais significativas resultantes de combinações de raízes com esses morfemas: a raiz nominal *jawar* que, na sua origem significava ‘onça’, passou a denominar o referente ‘cachorro’ no momento em que esse animal passou a integrar a realidade cultural dos falantes. A ‘onça’, por sua vez, passou a ser referida

CAPÍTULO 4 – COGNATOS EM LÍNGUAS TUPI-GUARANI

Ainda que outras línguas Tupi, como o Munduruku (família Munduruku) e o Karo (família Ramarama), possuam sistemas de classificação nominal, conforme Gomes (2006) e Gabas Jr. (1999), respectivamente, é importante destacar que, pelo que já foi descrito até então, nem o Guajá, nem outras línguas da família Tupi-Guarani, possuem classificadores. No entanto, isso não significa que essas línguas não tenham encontrado maneiras de expressar uma categorização do mundo em domínios relevantes para seus falantes, conforme fica claro no caso do Guajá.

Nesta seção, serão apresentadas as descrições já realizadas em outras línguas da família de morfemas cognatos aos sufixos categorizadores do Guajá descritos no capítulo anterior de modo a delimitar o escopo do tema pesquisado e conhecer as interpretações disponíveis em estudos de especialistas dessas línguas. Foram sistematizadas as descrições do Tenetehara (SILVA, 2010), do Tapirapé (PRAÇA, 2007), do Kamaiurá (SEKI, 2000) e do Kawahiva (DENÓFRIO, 2013). Abordaremos também duas análises de cunho linguístico-antropológico que tratam de cognatos dos morfemas foco deste trabalho, Bonfim e Aguiar (2021), que descrevem morfemas categorizadores em diversas línguas, incluindo algumas da família Tupi-Guarani e Franchetto, Meira e Kuikuro (2021) que tratam dos operadores ontológicos ameríndios, tecendo analogias entre a série de modificadores yawalapíti e os modificadores Tupi-guarani.

4.1 Cognatos em Tenetehara

A língua Tenetehara compreende duas línguas distintas, o Tembé e o Guajajára, classificadas como pertencentes ao subgrupo IV da família linguística Tupi-Guarani (RODRIGUES & CABRAL, 2012), juntamente com o Tapirapé, o Asurini do Tocantins, o Parakanã, o Avá-Canoeiro, o Suruí e o Turiwára. Sobre os morfemas cognatos ao que estamos denominando de categorizadores, Silva (2010) descreve-os como parte de um paradigma de partículas que expressa “modo de ação” e que contrasta com noções aspectuais. Para isso, a autora explica que tanto o Tembé como o Guajajara fazem uso de uma rica gama de operadores sintáticos e de estratégias morfológicas para expressar noções aspectuais relacionadas ao predicado ou à sentença como um todo. Em sua análise, aspecto é concebido como situado no nível conceitual da linguagem e não no nível da forma e se relaciona a qualquer lexema que possa ser núcleo de um predicado. A autora chama de expressões de aspecto as noções relacionáveis a intervalos, e de modos de ação as que não se relacionam com estes. Assim

sendo, “o modo de ação é expresso em Tembé e Guajajára por meio de reduplicação de um tema núcleo do predicado, por um tema modificador, ou por meio de partículas” (SILVA, 2010, grifo nosso). Para nossa análise, é importante observar a caracterização das partículas em ambas as línguas.

4.1.1 Cognatos em Tembé

O quadro seguinte apresenta as partículas que expressam modo de ação em Tembé.

Quadro 2 – Partículas indicadoras de modo de ação em Tembé

Partícula	Função	Partículas com as quais se relacionam
<i>tete</i>	Intensificador (INT1)	verbais, nominais
<i>ahi</i>	Intensificador (INT2)	verbais, nominais, expressões adverbiais
<i>ete</i>	Intensificador (INT3)	verbais, nominais, expressões adverbiais
<i>aʔu</i>	Intensificador (INT4)	verbais, nominais
<i>mar ~ mar aʔu</i>	Intensificador (INT5)	verbais, nominais
<i>pitik ~ pitik aʔi</i>	Intensificador (INT6)	verbais
<i>pitik aʔi</i>	Atenuativo (ATN)	verbais
<i>tue</i>	Habitual (HAB1)	verbais, nominais
<i>tuehe</i>	Habitual (HAB2)	pronominais, verbais, nominais
<i>tueha rupi</i>	Habitual (HAB3)	verbais, nominais
<i>wer</i>	Habitual (HAB4)	verbais

Fonte: adaptado de Silva (2010, p. 439-440)

4.1.1.1 O modo de ação intensivo no Tembé

Em Tembé, o modo intensivo pode manifestar-se por meio de partícula, através de reduplicação e por composição com o tema *katu*. Mas quando se dá mediante partícula, ocorre através dos morfemas *tete* (1), *ahi* (2), *ete* (3), *aʔu* (4), *mar ~ mar aʔu* (5) e *pitik ~ pitik aʔi* (6 e 7). Diante de tantos morfemas intensificadores, a partir da descrição da autora, não é possível diferenciar as funções e a distribuição desses morfemas em relação aos elementos com os quais se associam.

- (1) *pe-zaʔjo tete aʔu*
23-chorar INT1 INT4

‘vocês choram muito’ (Silva, 2010, p. 471)

- (2) *daniro rimaw ru ramo iro ahi*
andiroba limão com amargo INT2

‘andiroba com limão é muito ruim (amargo)’ (Silva, 2010, p. 475)

- (3) *pe pe-reko t- uriw ete haw-ə*
23 23-ter R-alegre INT3 NOM9-ARG

‘vocês têm muita alegria’ (Silva, 2010, p. 479)

- (4) *u-mukun tete aʔu*
3-engolir INT1 INT4

‘ele engoliu muitas vezes’ (Silva, 2010, p. 481)

- (5) *kuzə* *ɲwer* *u-ʔu* **mar** *aʔu* *kwej*
 ela COL 3-comer INT5 INT4 RLZ
 ‘as mulheres comeram muito, muito’ (Silva, 2010, p. 484-485)

- (6) *aʔe* *r-upi* *u-dajʔo* **pitik** *kwej*
 ele R¹-por 3-chorar INT6 RLZ
 ‘por isso ele chorou muito ontem’ (Silva, 2010, p. 487)

- (7) *a-witaw* **pitik aʔi** *pe* *karu mehe* *karu kutir*
 1-nadar INT6 lá ontem à tarde
 ‘eu nadei muito (lá) no rio ontem à tarde’ (Silva, 2010, p. 487)

Dos morfemas classificados como intensificadores por Silva (2010), *tete* e *ete* são cognatos do sufixo de autenticidade contrastiva *-te* do Guajá, *aʔu* é cognato do sufixo dimensional intensivo *-hu* e *ahi* é cognato *rahi* ‘muito’, classificado por Magalhães (2007) como advérbio intensificador no Guajá.

4.1.1.2 O modo de ação atenuativo no Tembé

O modo atenuativo do Tembé faz-se pelo uso da partícula **pitik aʔi**.

- (8) *u-majʔu* **pitik aʔi** *aʔe* *r-upi* *n-uikəŋ-kwaw* *aʔe*
 3-comer ATN ele R¹-por NEG-força-NEG ele
wə *kuri*
 PL agora
 ‘eles comem pouco, por isso estão fracos’ (Silva, 2010, p. 458-459)

Em Temb  a partícula *pitik* também exprime a no o de ‘nada’, ‘nunca’. Ao exprimir tal no o, não é acompanhada da partícula *aʔi*.

A partícula atenuativa *pitik*   cognata do advérbio *mixi* ‘pouco’ do Guajá (MAGALHÃES, 2007), que também pode ser encontrado combinado com o sufixo categorizador atenuativo *-kaĩ* resultando em *mixikaĩ*, conforme descrito no capítulo 3.

4.1.1.3 A fun o da partícula (*ran*) em Temb 

Assim como no Guajá, a partícula *ran* relaciona-se exclusivamente com os nomes, conforme descri o de Silva (2010). A autora não a denomina, tampouco faz uma análise descritiva do morfema, mas ela é cognata do sufixo similitivo no Guajá e o significado, como em outras línguas da família Tupi-Guarani, está associado a ‘semelhante a’. Observe o quadro a seguir:

Quadro 3 – O morfema *ran* em Temb 

GLOSA	TEMB�
galinha	<i>zapukaj-∅</i>
ja�an�	<i>zapukaj ran</i>
nambu	<i>inamu-∅</i>
galinha d’angola	<i>inamu ran</i>
cavalo	<i>kawaru-∅</i>
cabra	<i>kawaru ran</i>

Fonte: adaptado de Silva (2010, p. 1049-1054)

Podemos inferir pela análise dos dados acima que a partícula *ran*, assim como o sufixo similitivo *-ryn* no Guajá, é muito produtiva para caracterizar espécies distintas de animais: *zapukaj* ‘galinha’ → *zapukaj ran* ‘ja an ’. Portanto, a galinha aqui   tomada como o animal de referência para os Temb , e o ja an  é visto em perspectiva como semelhante   galinha; a primeira ave ocupa posi o mais central nesta categoria em rela o à segunda. O mesmo ocorre

com *inamu* ‘nambu’ → *inamu ran* ‘galinha d’angola’ e *kawaru* ‘cavalo’ → *kawaru ran* ‘cabra’. É importante ressaltar a semelhança funcional entre os morfemas no Tembé e no Guajá.

4.1.1.4 O modo de ação habitual em Tembé

Em Tembé o modo de ação habitual é expresso por meio das partículas *tue* (9 e 10), *tuehe* (11), *tueha rupi* (12) e *wer* (13) conforme mostram os exemplos a seguir.

- (9) *a-zur kwej meʔe tue ne r-ehe*
 1-vir RLZ ver HAB1 2 R¹-em.relação.a
 ‘eu vim aqui pra te ver’ (Silva, 2010, p. 440)

De acordo com Silva (2010, p. 441), em Tembé a forma *tue* também expressa outra noção similar à noção expressa pelo advérbio ‘logo’ do português.

- (10) *e-majʔu tue*
 2IMP-comer HAB1
 ‘come logo’ (Silva, 2010, p. 441)

- (11) *tuehe a-dep̄inatik we-j iarape r-upi*
 HAB2 1-pescar HAB4-INDII igarapé R¹-em
 ‘eu costume pescar naquele igarapé’ (Silva, 2010, p. 442)

- (12) *tueha rupi* *?i* *a-?i-ahaw-θ*
 HAB3 rio 1-rio-atravessar-ARG
 ‘todo dia eu atravesso o rio’ (Silva, 2010, p. 443)
- (13) *zane* *ti-kaʔa* *mono* *wer*
 12 12-mato caçar HAB4
 ‘nós caçamos habitualmente’ (Silva, 2010, p. 166-167)

Silva (2010, p. 444) explica que em Tembé o modo de ação habitual também pode ser expresso por meio de reduplicação, embora seja melhor definida como ação plural, correspondendo, assim, a uma ação habitual ou interativa. Na análise de Silva (2010), as partículas habituais fazem parte do mesmo paradigma das demais cognatas do Guajá e são consideradas como expressando “modos de ação”, e não categorização. Como aspecto ou modo de ação não representam a nossa perspectiva de análise para os morfemas categorizadores do Guajá, não cabe aqui descrevermos como se expressa a categoria gramatical aspecto habitual no Guajá, uma vez que este conceito compõe outro paradigma na análise de Magalhães (comunicação pessoal).

Descritas as partículas no Tembé, observemos os morfemas cognatos dos morfemas categorizadores do Guajá em Guajajára.

4.1.2 Cognatos em Guajajara

O quadro 4 apresenta as partículas que expressam modo de ação em Guajajara.

Quadro 4 – Partículas indicadoras de modo de ação em Guajajára

Partícula	Função	Partículas com as quais se relacionam
<i>tete</i>	Intensificador (INT1)	verbais, nominais
<i>ahi</i>	Intensificador (INT2)	verbais, nominais, expressões adverbiais
<i>ete</i>	Intensificador (INT3)	verbais, nominais, expressões adverbiais
<i>aʔu</i>	Intensificador (INT4)	verbais, nominais
<i>mar ~ mar aʔu</i>	Intensificador (INT5)	verbais, nominais
<i>pitik aʔi</i>	Atenuativo (ATN)	verbais
<i>tue</i>	Habitual (HAB1)	verbais, nominais
<i>tueha rupi</i>	Habitual (HAB3)	verbais, nominais
<i>wer</i>	Habitual (HAB4)	verbais

Fonte: adaptado de Silva (2010, p. 439-440)

4.1.2.1 O modo de ação intensivo no Guajajára

Em Guajajára, assim como no Tembé, o modo intensivo pode manifestar-se por meio das partículas *tete* (14), *ahi* (15), *ete* (16), *aʔu* (17) e *mar ~ mar aʔu* (18), sendo *tete* e *ete* cognatas do sufixo de autenticidade contrastiva *-te* do Guajá, *aʔu* cognata do sufixo dimensional intensivo *-hu* e *ahi* cognata do advérbio *rahi* ‘muito’.

- (14) *i-kuʔem tete kwej kwaharer u-zajʔo mƏ*
 R²-manhã INT1 RLZ menino 3-chorar GER

‘o menino chorou a noite todinha’ (Silva, 2010, p. 473)

- (15) *aʔe* *∅-ur* *∅-naʔarew* ***ahi*** *wə*
 ele 3-vir R¹-pressa INT2 PL
 ‘eles vieram com muita pressa’ (Silva, 2010, p. 477)

- (16) *karuk* ***ete*** *i-mehe* *awa* *u-hem*
 tarde INT3 R¹- SUB homem 3-sair
 ‘de tardinha o homem saiu’ (Silva, 2010, p. 480)

- (17) *he* *r-aku* *wer* ***aʔu*** *apo*
 1-engolir R¹-estar.quente HAB4 INT4 INF
 ‘eu estou com muita febre’ (Silva, 2010, p. 483)

- (18) *he* *u-ʔu* ***mar*** *pɨhaw*
 1 1-tossir INT5 madrugada
 ‘eu quero comer muito’ (Silva, 2010, p. 485)

4.1.2.2 O modo de ação atenuativo no Guajajára

Silva (2010, p. 460) afirma que em Guajajára o atenuativo também é expresso por meio da partícula *pitík* ~ *pitik aʔi*, cognatas, conforme mencionado acima, do advérbio *mixi* ‘pouco’ do Guajá e *mixikaĩ* ‘pouquinho’.

- (19) *aʔe* *u-ʔu* ***pitik aʔi***
 ele 3-comer ATN
 ‘ele comeu pouco’ (Silva, 2010, p. 460)

Assim como no Temb , em Guajajára a partícula *pitik* ~ *pitik aʔi* também pode ser usada para expressar a no o de ‘nada’, ‘nunca’. Embora, ao exprimir tal no o, possa aparecer acompanhada da partícula *aʔi*, é mais comum que ocorra sem a presença desta.

4.1.2.3 A fun o do sufixo (-*ran*) no Guajajara

Em Guajajára, a partícula *-ran* também   exclusiva dos nomes. A autora não a denomina e, assim como no Temb , também não faz uma análise descritiva do morfema, mas ele é cognato do sufixo similitivo no Guajá e o significado, como em outras línguas da família Tupi-Guarani, está associado a ‘semelhante a’.

Quadro 5 – O morfema *-ran* em Guajajára

GLOSA	GUAJAJÁRA
porco queixada	<i>tazahu</i>
porco doméstico	<i>tazahuran</i>
veado	<i>arapuha</i>
bode	<i>arapuharan</i>
cavalo	<i>kawaru</i>
burro	<i>kawaruran</i>

Fonte: adaptado de Silva (2010, p. 1049-1054)

Bem como no Temb  e no Guajá, o morfema *-ran* ocorre exclusivamente relacionado a nomes: *tazahu* ‘porco queixada’ → *tazahuran* ‘porco doméstico’, portanto, o porco queixada é tomado como animal de referência para os Guajajára, e o porco doméstico é visto em perspectiva como semelhante; o primeiro animal ocupa posi o mais central nesta categoria em rela o ao segundo. O mesmo ocorre com *arapuha* ‘veado’ → *arapuharan* ‘bode’ e *kawaru* ‘cavalo’ → *kawaruran* ‘burro’. Destaca-se, também, a semelhança funcional entre os morfemas no Guajajára e no Guajá.

4.1.2.4 O modo de ação habitual em Guajajára

Em Guajajára a noção do aspecto habitual é expressa por meio das partículas *tue* (20) e *tueha rupi* (21). Conforme a pesquisadora, não foram encontradas ocorrências da forma *tuehe* nesta língua Tenetehara.

(20) *h-əj* ***tue***
 R⁴-dente HAB1

‘dentes definitivos’ (Silva, 2010, p. 446)

(21) *a-zaikaw* *zepe* *he* *Ø-ʔaw* ***tueha rupi***
 1-cortar mesmo 1 R¹-cabelo HAB3

‘eu corto o meu cabelo (todo ano)’ (Silva, 2010, p. 449)

A partícula *tue* abriga vários outros significados em Guajajára, entre eles, o equivalente a “logo” e “mesmo”.

(22) *e-zan* ***tue***
 2IMP-correr HAB1

‘corre logo’ (Silva, 2010, p. 447-448)

(23) *kuzə təʔi* *i-aŋaiw* *ahi* ***tue***
 menina R²-magro INT2 HAB1

‘a menina é magrinha, magrinha, magrinha mesmo’ (Silva, 2010, p. 448)

Silva (2010) também destaca que falantes do Guajajára atribuem à partícula *tueha rupi* o significado de ‘eterno’, ‘para sempre’. Como explicamos anteriormente, não há cognatos dessas partículas no paradigma de morfemas categorizadores do Guajá devido à função atribuída a eles não estar vinculada à expressão de aspecto.

Descritos os cognatos em Guajajára, passemos a outra língua do subgrupo IV da família Tupi-Guarani.

4.2. Cognatos em Tapirapé

A língua Tapirapé é classificada por Rodrigues & Cabral (2012) como pertencente ao subconjunto IV da família Tupi-Guaraní, do tronco Tupí, que inclui também o Asuriní do Tocantins, o Avá-Canoeiro, o Guajajára, o Parakanã, o Suruí (Mujetire), o Tembê e o Turiwára. Nesta língua, Praça (2007) apresenta uma relação de morfemas tratados como parte da morfologia transcategorial. Entre eles estão o sufixo intensivo *-’o*, o atenuativo *-’i* e o intensificador *-ete*. Tais morfemas são tidos como transcategoriais por não serem “específicos” de uma só classe, e são apresentados como tendo uma alta produtividade.

A análise da autora parte da perspectiva de que os morfemas transcategoriais são onipresentes em diferentes tipos de constituintes, principalmente naqueles compostos por nomes e verbos, mas que também podem aparecer nos constituídos por posições e advérbios, com exceção de *-ryn*, que, assim como seu cognato *-ryn* no Guajá, é exclusivo de nomes. O quadro seguinte apresenta os morfemas cognatos dos morfemas categorizadores do Guajá em Tapirapé.

Quadro 6 – Sufixos transcategoriais em Tapirapé

Sufixo	Função	Raízes com as quais se ligam
- 'o ~ -oo ~ -oho	Intensivo (INT)	nominais, verbais, adverbiais
- 'i ~ -i	Atenuativo (ATE)	nominais, verbais, adverbiais
-ryn	Similiaridade (SI)	nominais
-ete	Intensificador (INTNS)	raízes nominais e verbais

Fonte: elaborado pelo autor

4.2.1. Sufixo intensivo (- 'o) no Tapirapé

O sufixo intensivo - 'o ~ -oo ~ -oho, muito produtivo no Tapirapé, ocorre em raízes nominais, verbais e em formas adverbiais (PRAÇA, 2007). Em raízes nominais, esse sufixo pode indicar o aumentativo de determinada entidade como em (24) ou pode derivar nomes como em (25).

- (24) *konomĩ-o-ø* *a-nopyĩ* *myrixow-a*
 menino-INT-REFER 3.I-bater Myrixowa-REFER
 ‘o menino bateu em Myrixowa’ (Praça, 2007, p. 45)

- (25) *xãwãr-oo-ø* *i-ãroãro*
 cachorro-INT-REFER 3.II-ser.bonita
 ‘a onça é muito bonita’ (Praça, 2007, p. 46)

Sobre os processos morfológicos de derivação e flexão, Praça (2007, p. 47) esclarece que, no âmbito de seu trabalho, processos morfológicos de derivação e flexão são analisados

como um contínuo, conforme proposto por Bybee (1985), e que os morfemas -'o 'intensivo' e -'i 'atenuativo' – que veremos a seguir –, “devido à regularidade e produtividade de seus paradigmas, são analisados como morfemas flexionais, apesar de não se enquadrarem no critério obrigatoriedade. Neste aspecto, eles divergem de seus cognatos no Guajá, analisados como morfemas derivacionais, como exposto no capítulo 3.

No Tapirapé, o sufixo também ocorre em núcleos de predicados verbais transitivos (26) e intransitivos (27) e indica uma modalidade que expressa intensificação do processo verbal:

- (26) *xe=r-opy-ø* *a-pyyk-oo* *'ipirã-ø*
 1SG.II=R-pai-REFER 3.I-pegar-INT peixe-REFER
 ‘meu pai pegou muito peixe’ (Praça, 2007, p. 46)

- (27) *n=a-a-j-oo*
 não=3.I-ir-NEG-INT
 ‘não foi mesmo’ (Praça, 2007, p. 46)

Nas formas adverbiais é focado o grau de intensidade da maneira/modo como se processa a ação verbal:

- (28) *taneme-'o* *xe=ø-pe* *ke* *e-xar* *ka-ø* *ø-wi*
 rápido-INT 1SG.II=R-POS DUB 2.IMP-VIR roça-REFER R-POS
 ‘venha rápido da roça para mim’ (lit: venha rapidão da roça para mim)
 (Praça, 2007, p. 47)

Esse morfema é cognato do sufixo intensificador -*hu* do Guajá, que também ocorre com raízes nominais e verbais, mas não com advérbios. Outra diferença é que no Tapirapé a semântica de aumentativo parece exercer a função primordial de flexão expressando dimensão

- (32) *wyrãxig-oo-’i-ø* *a-wewe* *xe=ø-wi*
 garça-INT-ATE-REFER 3.I-voar 1SG.II=R-POS
 ‘a garça, de tamanho médio, voou de mim’ (Praça, 2007, p. 48)

Nos verbos, o sufixo também denota um tipo modalidade que exprime amenização do processo verbal. De maneira similar ao intensivo, ocorre em núcleos verbais transitivos (33) e intransitivos (34).

- (33) *a-ow* *ywãtyr-ã* *ã’e* *a-’o-’i* *ywãtyr-ã* *r-yãpir-ã*
 3.I-achar flor-REFER C.D 3.I-comer-ATE flor-REFER R-néctar-REFER
 ‘ele (o beija-flor) acha a flor, aí come um pouquinho do néctar da flor’
 (Praça, 2007, p. 49)

- (34) *maj-a* *a-pi-kãto-’i* *’op-a*
 cobra-REFER 3.I-parar-APREC-ATE 3.deitar-GER
 ‘a cobra está bem paradinha’ (Praça, 2007, p. 49)

Nas formas adverbiais, o sufixo -’i expressa uma idéia de atenuação da maneira/modo como se realiza a ação verbal:

- (35) *ãpi-ø* *a-ãpa* *tamãkorã-ø* *mawej-’i-’i* *i-r-yn-a*
 mamãe-REFER 3.I-fazer tamãkorã-REFER devagar-REDUP-ATE 3.I-CC-sentar-GER
 ‘mamãe faz tamãkora muito devagarzinho, estando sentada’ (Praça, 2007, p. 49)

Esse morfema é cognato do sufixo atenuativo -’i do Guajá, que, assim como o intensificador, ocorre apenas com raízes nominais e verbais, mas não com advérbios.

Novamente, outra diferença é que no Tapirapé a função derivativa parece ser restrita, sendo a semântica atenuativa de dimensão, apreciação e afetividade não necessariamente relacionado à criação de novos itens lexicais, enquanto no Guajá o morfema categorizador atenuativo deriva sempre novos itens lexicais caracterizados pela dimensão maior com relação ao referente prototípico não marcado.

4.2.3. Sufixo de similaridade (-ryn) no Tapirapé

Semanticamente, o sufixo *-ryn*, assim como no Tembé e no Guajajára, denota ideia de similaridade e é associado a nomes. Semanticamente, o sufixo *-ryn* do Tapirapé, assim como no Guajá, no Tembé e no Guajajára, denota ideia de similaridade e é associado exclusivamente a nomes, conforme ilustram os dados abaixo.

- (36) *ãpĩ*, *tãto⁶-ryn-a* *a-xe-mim*
 mamãe tatu-SI-REFER 3.I-REFL-esconder
 ‘mamãe, os marimbondos se esconderam’ (Praça, 2007, p. 21)

- (37) *miã-ryn*
 veado-SI
 ‘cabra’ (lit: (existe) cabra) (Praça, 2007, p. 21)

Aqui é possível observar em (36) que o animal de referência para os Tapirapé é o tatu e que o marimbondo é denominado como ‘aquele que se assemelha ao tatu’, evidenciando a função derivativa desse morfema, como ocorre com as demais línguas. Em (37) aquele que

⁶ A raiz *tãto* talvez seja reflexo da raiz de *tata ‘fogo’ no antigo Tupinambá, existindo a possibilidade de que *tãto-ryn-a* seja ‘aquilo que se parece com fogo’, ‘que queima como fogo’, o que descreveria o que ocorre quando há a picada do marimbondo. Embora, a partir da glosa, haja a possibilidade de interpretação de que o termo faça referência ao tatu, com base em nossa análise, tendo como perspectiva o Tupi antigo, há a possibilidade de inferir que o marimbondo é aquele ‘que se parece com fogo’.

ocupa uma posição central é o veado e a cabra é percebida como o animal que se assemelha ao veado.

4.2.4. Sufixo intensificador (-ete) no Tapirapé

O sufixo *-ete* ocorre apenas em raízes nominais e verbais. Diferentemente do intensivo *-'o*, este sufixo não expressa a noção de aumentativo nos nomes, pois funciona, conforme análise de Praça (2007) como um intensificador de identidade, de essência. Exprime intensidade no sentido de “é verdadeiro”, “legítimo”.

- (38) *ãrãreme'i-ø* *tãpi'irãpe-ete*
 Ãrãreme'i-REFER tãpi'irãpe-INTNS
 ‘Ãrãreme’i é Tapirapé de verdade’ (Praça, 2007, p. 49)

Cabe ressaltar aqui que função de contraste exercida pelo categorizador *-te* do Guajá não é apontada nas descrições das demais línguas aqui elencadas, apesar de que o exemplo acima seja paralelo ao que encontramos no uso do *-te* relacionado ao etnônimo no exemplo 38 a-b do Guajá no capítulo 3.

4.3. Cognatos no Kamaiurá

O Kamaiurá foi incluído como membro único do subconjunto VII da família Tupi-Guarani. Nesta língua, Seki (2000), ao tratar sobre derivação, explica que ela ocorre mediante o acréscimo de afixos a radicais (derivação por afixação) e mediante a combinação de raízes e de radicais (derivação por composição). Tanto a afixação quanto a composição podem se dar em nível morfológico e em nível sintático. Sobre afixação, há predominância do número de prefixos em relação ao número de sufixos na derivação verbal e o que inverso ocorre na derivação nominal. É neste contexto que são apresentados os sufixos *-'u*, *-'i*, *-pĩ*, *-het* e *-ete*, que, com exceção de *-pĩ* e *-het* encontram cognatos nos morfemas categorizadores do Guajá e exercem, no Kamaiurá, respectivamente, as funções de aumentativo, diminutivo, semelhança e

aumentativo, correspondendo este último morfema, também, a noção associada de ‘genuíno, verdadeiro’. Assim, no Kamaiurá, diferentemente das demais línguas apresentadas até agora, esses morfemas todos são exclusivamente nominais.

Quadro 7 – Sufixos derivativos em Kamaiurá

Sufixo	Função	Raízes com as quais se ligam
<i>-u ~ -ũ</i>	Aumentativo	nominais
<i>-i ~ -ĩ</i>	Diminutivo	nominais
<i>-pĩ</i>	Diminutivo	nominais
<i>-het</i>	Semelhante	nominais
<i>-ete</i>	Aumentativo	nominais

Fonte: elaborado pelo autor

4.3.1. O aumentativo (-u) no Kamaiurá

Realiza-se como *-u* em ambiente oral e com *-ũ* em ambiente nasal conforme o quadro a seguir:

Quadro 8 – O aumentativo (-u) no Kamaiurá

<i>ipira</i>	peixe	→	<i>ipirau</i>	peixão (também trairão)
<i>wyra</i>	ave, pássaro	→	<i>wyrau</i>	pássaro grande
<i>-huã</i>	dedo	→	<i>-hwãũ</i>	dedo polegar
<i>kumana</i>	feijão	→	<i>kumanaũ</i>	feijão grande

Fonte: Seki (2000, p. 372)

Esse morfema é cognato do sufixo intensificador *-hu* do Guajá e na descrição de Seki (2000) cria novos nomes, ou seja, a categoria gramatical aumentativo é derivacional segundo a análise da autora. No Guajá, no entanto, a palavra derivada resultante da sufixação de *-hu* não cria nomes genéricos como ‘feijão grande’ ou ‘peixão’, mas denomina uma espécie animal ou vegetal distinta da espécie a que se refere o termo não marcado, sendo, no entanto, todos os nomes relacionados pertencentes a uma grande categoria, conforme análise proposta aqui. Além disso, no Guajá encontramos esse sufixo associado a raízes verbais, o que não ocorre no Kamaiurá.

4.3.2. O diminutivo (*-i*) no Kamaiurá

Realiza-se com dois alomorfes *-i* em contexto oral e *-ĩ* contexto nasal de acordo com o seguinte quadro:

Quadro 9 – O diminutivo (*-i*) no Kamaiurá

<i>kap</i>	vespa	→	<i>kawi</i>	pequena vespa
<i>meirup</i>	mosca	→	<i>meiruwi</i>	mosquito
<i>tukan</i>	tucano	→	<i>tukanĩ</i>	pequeno tucano

Fonte: Seki (2000, p. 372)

Esse morfema é cognato do sufixo atenuativo *-i* do Guajá e na descrição de Seki (2000) a categoria gramatical diminutivo é derivacional. Cabe aqui a mesma reflexão realizada para o morfema aumentativo no contraste entre o uso desses morfemas cognatos nas duas línguas: no Guajá a palavra derivada resultante da sufixação de *-i* não cria nomes genéricos como ‘pequena vespa’ ou ‘pequeno tucano’, mas denomina uma espécie distinta da espécie a que se refere o termo não marcado, sendo todos os nomes relacionados pela mesma raiz pertencentes a uma grande categoria.

4.3.3. O diminutivo (-pĩ) no Kamaiurá

O "diminutivo" também ocorre por meio do sufixo *-pĩ* no Kamaiurá, que não encontra cognato em Guajá:

Quadro 10 – O diminutivo (-pĩ) no Kamaiurá

<i>y'a</i>	cuia	→	<i>y'apĩ</i>	cuiazinha
<i>ywyrapat</i>	arco	→	<i>ywyrapapĩ</i>	arquinho
<i>-y'yp</i>	flecha	→	<i>y'ypĩ</i>	flechinha
<i>wyra</i>	ave, pássaro	→	<i>wyrapĩ</i>	passarinho

Fonte: Seki (2000, p. 372)

A partir da descrição da autora, não é possível diferenciar a função dos distintos tipos de diminutivo, *-i* e *-pĩ*, e a distribuição dos morfemas em relação aos elementos com os quais se associam.

4.3.4. O sufixo de semelhança no Kamaiurá

De acordo com a autora, o formativo *-het* é formalmente idêntico ao sufixo coletivo e ao sufixo de passado nominal do Kamaiurá, mas trata-se de um outro morfema cujo significado é 'semelhante a'. Apesar de ter sua forma fonológica distante da forma mais comum assumida pelos morfemas que expressam essa função nas línguas Tupi-Guarani (*-ryn* em Guajá, por exemplo), assumimos que o sufixo *-het* do Kamaiurá tem função análoga à dos morfemas que denotam semelhança nas demais línguas.

Quadro 11 – O sufixo de semelhança no Kamaiurá

<i>'y</i>	água	→	<i>'yhet</i>	espelho
<i>tata</i>	fogo	→	<i>tatahet</i>	fósforo
<i>ka'a</i>	folha	→	<i>ka'ahet</i>	papel

Fonte: Seki (2000, p. 373)

O sufixo *-het*, assim como o similitivo das demais línguas apresentadas neste trabalho, ocorre exclusivamente associado a nomes e tem função derivativa, assemelhando-se ao sufixo similitivo do Guajá: 'y 'água → 'yhet 'espelho. Portanto, a água aqui é tomada como o referente central para os Kamaiurá, sendo o espelho denominado como 'semelhante à água', o fósforo é visto em perspectiva como semelhante ao fogo e o papel como semelhante à folha.

4.3.5 O sufixo aumentativo (*-ete*) no Kamaiurá

Segundo Seki (2000), a semântica gramatical de aumentativo também pode ser expressa por meio do morfema *-ete* e, assim, como nas demais línguas apresentadas, corresponde ao conceito mais específico de 'genuíno, verdadeiro'.

Quadro 12 – O sufixo aumentativo (*-ete*) no Kamaiurá

<i>-akaŋ</i>	cabeça	→	<i>akaŋete</i>	cabeçudo
<i>-op</i>	folha	→	<i>owete</i>	folha larga
<i>ywyrapat</i>	arco	→	<i>ywyrapaete</i>	arco genuíno

Fonte: Seki (2000, p. 373)

Diferentemente da análise que fazemos do sufixo cognato *-te* do Guajá, que tem função contrastiva, o sufixo *-ete* pode, no Kamaiurá, exercer a função de aumentativo, embora também seja possível observar que o contraste entre *ywyrapat* 'arco' e *ywyrapaete* 'arco genuíno', possibilita uma interpretação similar.

4.4. Cognatos em Kawahiva

O Kawahiva também integra o Tronco Tupi e pertence ao subgrupo VI da família linguística Tupi-Guarani, que inclui, entre outras línguas o Karipúna, o Parintintín, o Tenharim, o Apiacá (RODRIGUES & CABRAL, 2012). Nesta língua, os sufixos cognatos também ocorrem exclusivamente com raízes nominais. Denófrio (2013) os descreve como morfemas intensificador *-hua* e atenuativo *-ia*, respectivamente. No entanto, diferentemente das análises apresentadas anteriormente, o autor descreve-os como sufixos cosmológicos cuja função é a de atuar como modificadores semânticos que categorizam entidades pertencentes a dimensões

cosmológicas que delimitam diferenças entre elementos que pertencem ao mundo terrestre e os que pertencem aos demais planos (celestial e subterrâneo). Assim, enquanto *jagwar-∅* é ‘onça’, *jagwaruhua* é ‘onça celestial’. Além disso, o autor faz uma oposição entre a raiz não marcada e a marcada pelo *-(e)te* que denomina, nos termos da Trubetzkoy, de “oposição distintiva privativa”, enfatizando a assimetria entre eles: enquanto *jagwar-∅* é ‘onça’, *jagwarete* é ‘onça verdadeira’.

Quadro 13 – Sufixos cosmológicos em Kawahiva segundo Denófrio (2013)

Sufixo	Função	Raízes com as quais se ligam
<i>-hua</i>	Intensificador	nominais
<i>-'ia</i>	Diminutivo	nominais
<i>-∅</i>	Oposição privativa distintiva	nominais
<i>-(e)te</i>	Oposição privativa distintiva	nominais

Fonte: elaborado pelo autor

Assim, em Kawahiva, os morfemas cognatos aos sufixos categorizadores do Guajá aparentemente também possuem função categorizadora, mas ao invés de distinguir subespécies de categorias animais e vegetais, subdividem os elementos do mundo entre aqueles que fazem parte de uma dimensão terrestre e aqueles relacionados que fazem parte de uma dimensão subterrânea ou celestial.

4.5. Interpretação dos morfemas cognatos como modificadores ontológicos

Por fim, para finalizar este capítulo, apresentamos resumidamente duas análises de cunho linguístico-antropológico que tratam de cognatos dos morfemas foco deste trabalho e de morfemas com função similar em outras línguas apresentando-os como modificadores ontológicos: são i) a análise que Bonfim e Aguiar (2021) fazem sobre elementos linguísticos gramaticais e lexicais nas línguas Xavante, Mbya Guarani, Tapirapé e Guajajara e que definem

cuja função, similar à dos morfemas categorizadores do Guajá, seria a de introduzir categorias subjacentes ao pano de fundo cultural de seus falantes, dispondo “os seres em gradiente, evidenciando a distância das diferentes versões derivadas em relação ao *táxon* representado pela raiz nominal” (BONFIM e AGUIAR, 2021, p. 28); e ii) a análise de Franchetto, Meira e Kuikuro (2021), sobre “Operadores ontológicos ameríndios” tecendo analogias (citando, entre outros, Viveiros de Castro (1996, 2002) Barcelos Neto (2006) e Denófrio (2013) entre a série de modificadores yawalapíti e os modificadores tupi-guarani *-guaçu* e *-ju* (respectivamente “grande” e “espiritual” [lit. “amarelo”]), *-eté* (“autêntico”), e *-rana* (“falso”, “semelhante”), enfatizando a importância de se aprofundar os estudos sobre as interfaces entre formas linguísticas, categorizações, apreensões cognitivas e filosofias ontológicas.

Bonfim e Aguiar (2021) sustentam que os modificadores ontológicos podem ser ‘intensificadores’ e ‘despotencializadores’. Na língua Xavante, por exemplo, que pertence ao tronco Macro-Jê, da família linguística Jê, o papel de modificador cabe ao termo *i’a*, um modificador ontológico que modulariza os itens nominais a que se afixam. Esse modificador seria um despotencializador que deriva novos termos de cores no léxico. De acordo com os autores, os Xavantes concebem a vida social como impregnada da cor vermelha *i’pré*, enquanto, no exterior da aldeia, predominam as demais cores *i’udzé*. Então, quando ocorre a afixação do morfema despotencializador, ‘vermelho’ *i’pré* é derivado em ‘laranja’ *i’pré’a* e as ‘demais cores’ *i’udzé* são derivadas em *i’udze’a* ‘amarelo’. Assim, em ambos os exemplos, a modificação de *i’a* retira parte da potência dos elementos aos quais se afixa. No caso do primeiro, degradá-o em uma espécie de vermelho menos forte, o laranja; e, no do segundo, elimina a polivalência da categoria, restringindo *i’udzé* a apenas uma de suas possibilidades de realização, o amarelo (BONFIM e AGUIAR, 2021, p. 29).

No que tange ao Mbya Guarani, os autores destacam que a cosmologia apresenta uma grande riqueza terminológica no que diz respeito à esfera espiritual. Sustentam que, “nesse contexto, os modificadores parecem assumir um papel importante para a compreensão dos tipos de entes da sobrenatureza e da cena cosmogônica originária” (p. 34). Assim, os termos prototípicos servem, como base, para as operações gramaticais e classificatórias realizadas pelo que denominam por afixos taxonômicos. Tal afirmação é ilustrada pelas duas gradações exponenciadas existentes em Guarani para o termo ‘mata’ *kaàguy: kaàguy ete* ‘mata preservada’ e *kaàguy puru ey* ‘mata pristina’. O termo ‘mata’ *kaàguy*, ao ser modificado concebe, na cosmovisão desse povo, o grau de interferência humana no ambiente florestal. A ‘mata de verdade’ *kaàguy ete* é a mata ecologicamente conservada, enquanto a ‘mata mágica’

kaàguy poru ey, além de se manter preservada, está fora do alcance humano, por ser a morada das potências da sobrenatureza [sic].

Acerca dos morfemas que ocorrem nas línguas Tupi-Guarani citadas no artigo, os autores interpretam os sufixos *-ete* do Tupi e Guarani antigos e *-o* do Tapirapé como tendo função magnificadora, enquanto o *-rana* do Guajajara é descrito como expressando “certo aspecto deceptivo” (p.33). Nesse sentido, os termos prototípicos, que, assim como analisamos para o Guajá, seriam os não marcados com qualquer tipo de modificador, servem como base para as operações gramaticais e classificatórias realizadas pelos afixos, que teriam função taxonômica. “As versões exponenciadas do *táxon* (...) podem envolver critérios cosmológicos que demonstram a concepção de sociabilidade estendida que é comum aos povos ameríndios” (p.34), conforme interpretação dos autores, na qual também nos inspiramos em nossa análise.

Deste modo, o Tupi e o Guarani antigos “contavam com *iwara*, para cachorro, e com *iwaraete*, para a onça” (BONFIM e AGUIAR, 2021, p. 33), o que, conforme os autores, concede ao cachorro o estatuto de que pertence à posição do jaguar, que, então, passou a precisar de marcas adicionais para se diferenciar da nova espécie. Já no Tapirapé, em que “o aumentativo foi acionado para promover a mesma diferenciação: *xawãra* significa ‘cachorro’, enquanto *xawãroo* (*xawãra* grande) equivale a ‘onça’” (p. 33). Sobre o aspecto deceptivo do sufixo *-rana* no Guajajara, há destaque para “a questão de o animal nativo como modelo, que, porém, não é deslocado com um sufixo magnificador”, como nos exemplos anteriores. Sendo *arapuha* ‘veado’ e *arapuharana* ‘bode’, as similaridades entre o veado e o bode são aparentes, dando ao último certo aspecto deceptivo que, conforme os autores, nem sempre pode ser atribuído ao sufixo *-rana*.

Já Franchetto, Meira e Kuikuro (2021) apresentam como modificadores ontológicos quatro palavras pós-nominais na língua Yawalapiti com a função de “modular a capacidade referencial de um nome de modo a expressar desvio de ou proximidade a ‘protótipos’ categoriais (operadores ou categorizadores ontológicos)”: *kumã* ‘sobrenatural, exagerado, fora do comum, hiper’; *rúru* ‘verdadeiro, adequado’, *mína* ‘similar a, tendo as propriedades de’, e *malú* ‘ruim, inútil, insatisfatório’.

Para os autores, as categorias são formadas por paradigmas cujos membros internos exibem distinções determinadas formalmente por meio da associação de nomes que são referentes centrais dessa categoria a modificadores. Tal sistema é descrito da seguinte forma pelos autores:

“(…) como se a língua (ou a cultura) dispusesse de um repertório fechado de conceitos puros ou ideais, e como se a adequação de um referente qualquer a tais conceitos só fosse possível através de dispositivos semânticos – esses que chamo de modificadores – cuja função seria estabelecer a distância metonímica ou a diferença metafórica entre protótipo ideal e fenômeno atual. Ou, dito de outra forma, como se as categorias classificatórias só pudessem ser proveitosamente acionadas através de formas que indicam o modo de pertinência do referente à classe. Tais divisões não são subclasses, mas formas de ajustar o táxon a casos concretos. Os modificadores são encontrados em uma variedade de áreas semânticas; eles definem as formas culturalmente reconhecidas de relação entre os conceitos gerais e os indivíduos por eles classificados.” (FRANCHETTO, MEIRA e KUIKURO 2021, slide 5)

Na análise comparativa entre os morfemas citados do Yalapiti e de outras línguas alto-xinguanas como o Wauja e o Mehinaku, os autores concluem que todas elas possuem modificadores para expressar as semânticas de ‘excesso’, ‘adequado’, ‘inferior’ e ‘similar’, o que poderia, talvez, tratar-se do reflexo linguístico de uma atitude cognitiva fundamental da cultura alto-xingua. No entanto, descobrem que línguas de outras famílias e troncos linguísticos também expressam essas categorias por meio de modificadores gramaticais, tais como as línguas Kuikuro e Tiriyo (Karib), a língua Huni Kuin (Pano), as línguas Kayapó e Kĩsedje (Jê) e as línguas Kawahiva e Guarani (Tupi-Guarani). Os morfemas listados no quadro apresentado pelos autores para as supracitadas línguas TG são justamente os cognatos dos morfemas que aqui denominamos de categorizadores de intensidade, de autenticidade contrastiva, de atenuação e de similaridade, respectivamente:

Quadro 14 – Os operadores ontológicos em línguas Tupi-Guarani

	excesso	adequado	inferior	similar
Kawahiva (TG)	<i>-hua</i>	<i>-ete</i>	<i>-ete</i>	∅
Guarani (TG)	<i>-guaçu</i>	<i>-ete</i>		<i>-rana</i>

Fonte: adaptado de Franchetto, Meira e Kuikuro (2021)

Por fim, Franchetto, Meira e Kuikuro (2021) sugerem que a colaboração interdisciplinar na análise de mais dados pode trazer resultados importantes sobre as atitudes cognitivas fundamentais do pensamento ameríndio, sendo a interface entre as formas linguísticas, a categorização, as apreensões cognitivas e filosofias ontológicas as perspectivas de análise.

Neste capítulo foram apresentados os cognatos em línguas Tupi-Guarani dos morfemas que denominamos em Guajá de morfemas categorizadores. O objetivo é de expor as análises prévias nas demais línguas da mesma família linguística, com o propósito de que o olhar lançado sobre os sufixos no Guajá abra espaço também para uma possível nova perspectiva sobre as apreciações já realizadas nas demais línguas Tupi-Guarani, ainda que compreendamos que cada língua faz uso diferenciado desses morfemas. O mais importante, em nossa avaliação, é deixar claro que o Guajá utiliza esse mecanismo morfológico encontrado em outras línguas da família com um propósito categorizador, o que não significa que essas línguas não tenham encontrado outras maneiras de expressar uma classificação do mundo em categorias relevantes para o mundo de seus falantes. Cada língua vai categorizar o mundo de uma forma e, conforme foi possível observar neste capítulo, mesmo línguas geneticamente relacionadas usam morfemas cognatos em funções distintas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo foi o de investigar os morfemas da língua Guajá cuja função é categorizar o mundo em domínios relevantes para seus falantes. Para isso, tratamos da questão da categorização, de como ela permite que o organismo reduza a variação ilimitada que existe no mundo a proporções controláveis e de como ela sistematiza, sintetiza e configura o vasto e disforme fluxo de impressões captadas pelos sentidos. Nesse processo de cognição, é possível apreender e conhecer tanto o universo físico exterior como o universo psicológico interior do ser humano.

Assim, expomos que categorias conceituais são caracterizações do mundo, associações gramaticais relacionadas a elementos lexicais, cuja expressão pode variar de língua para língua, levando a inferir que cada língua caracteriza o universo de maneira única e que a teoria linguística é ligada a questões gerais de cognição. Deste modo, propriedades interacionais humanamente relevantes como propriedades perceptivas, movimentos motores, funções e intenções humanas desempenham uma função na categorização, em vez de propriedades inerentes aos objetos em si.

Ao diferenciar morfemas classificadores e morfemas categorizadores examina-se que sistemas de classificação representam maneiras de categorizar elementos nominais a partir de motivações semânticas como animacidade, sexo e propriedades físicas contribuindo não apenas para a expansão do léxico, mas também para manipular o status discursivo de um referente. Também destaca-se que os sistemas que categorizam por meio de classificadores possuem uma ampla gama de morfemas, de distribuição igualmente ampla, sendo, de maneira geral, não apenas um dispositivo morfológico de derivação, mas morfossintático que promove a concordância entre os diferentes membros da sentença assim como pode assumir função anafórica.

Por outro lado, os morfemas categorizadores do Guajá não têm origem em itens lexicais que se gramaticalizaram a partir de nomes, não ocorrem em mais de um elemento da sentença exercendo função morfossintática de concordância ou anáfora, e não se afixam a nomes que são vagos em termos de propriedades corporais de forma e discrição. Pelo contrário, associam-se a nomes e verbos que são os representantes centrais de uma categoria que apresenta propriedades corpóreas bem delimitadas.

Assim, sustentamos, conforme Foley (1997), que os falantes de línguas com classificadores prestam mais atenção à matéria, substância, da qual é feita o objeto, sendo o

classificador necessário para incorporar ao nome as propriedades de forma e que falantes de línguas sem classificadores prestam mais atenção à forma, concebendo que propriedades corpóreas são inerentes ao nome. Logo, o papel dos morfemas aqui estudados, diferentemente dos classificadores, não é atribuir ao elemento a que se anexam propriedades corporais de forma e descrição, mas o de contribuir com a construção da referência e do evento definindo-os em termos de seu pertencimento a categorias, seja pelo distanciamento ou pela proximidade em relação ao protótipo, a partir de uma perspectiva de mundo Awa Guajá.

Também foi abordada a interrelação entre categorização e protótipo e de como dados linguísticos e descobertas experimentais psicológicas complementam-se mutuamente. A respeito do conceito de protótipo, foi posto a termo que quanto mais prototípico for o membro de uma categoria, mais atributos em comum terá com outros membros da categoria e menos atributos em comum com membros de categorias contrastantes. Por conseguinte, a categoria não é estruturada por características criteriosamente compartilhadas por seus membros, mas sim por uma rede de semelhanças entrecruzadas em que elementos prototípicos servem como pontos de referência cognitivos para determinados tipos de raciocínio. Essa proposta permite um espaço contínuo dentro de cada categoria na qual quanto maior o número de características e propriedades um elemento possuir mais prototípico ele será.

Para o estudo do Guajá, a noção de protótipo refere-se às raízes nominais e verbais não marcadas, por serem estas os elementos centrais das categorias que elas representam na cosmovisão dos Awa Guajá. As raízes prototípicas não marcadas, uma vez modificadas pelos morfemas categorizadores, *-hu*, *-'ĩ*, *-rỹ(n)*, *-te* passam a denominar membros da categoria que apresentam características específicas que se distanciam ou se aproximam da entidade, evento ou estado, categorizando os elementos do mundo em termos de um gradiente relacionado por traços semânticos.

Sobre a hierarquização de tais morfemas, existe a possibilidade de que uma mesma raiz nominal receba até três sufixos categorizadores, a depender do contexto. Os morfemas dimensionais *-hu* (INTS) e *-'ĩ* (ATEN) são mutuamente exclusivos entre si e podem ser antecidos pelo sufixo similitivo *-rỹ* (SEME), justamente porque um mesmo referente pode expressar a semelhança com a entidade considerada prototípica, ocorrendo mais intimamente relacionado à raiz, além do distanciamento dimensional em relação à esta mesma entidade (*-hu* dando destaque à dimensão maior do referente e *-'ĩ* à dimensão menor). Já o sufixo *-te* (AUT.CONTRAS) pode-se combinar diretamente com a raiz ou imediatamente após os morfemas *-rỹ(n)* e *-hu/-'ĩ*. Isso porque sua função é a de enfatizar os traços característicos do membro a

que se anexa, sejam eles quais forem, isto é, tem função complementar à de expressar distanciamento do protótipo.

Ainda que outras línguas Tupi possuam sistemas de classificação nominal é importante destacar que, pelo que já foi descrito até então, nem o Guajá, nem outras línguas da família possuem classificadores, o que não significa que tais línguas não tenham encontrado maneiras de expressar categorização do mundo em domínios relevantes para seus falantes. Neste trabalho, foram apresentadas as descrições já realizadas de morfemas cognatos aos sufixos categorizadores do Guajá com o intuito de contribuir para uma possível nova perspectiva sobre as apreciações já realizadas nas demais línguas Tupi-Guarani, embora fique evidente que cada língua faz uso diferenciado desses morfemas. Assim, a comparação realizada deixa clara a diversidade como a categorização pode se manifestar nas línguas, mesmo em línguas de uma mesma família, e a particularidade de usos que morfemas cognatos podem assumir nas línguas relacionadas geneticamente.

Por fim, queremos destacar que entendemos que a relevância mais ampla do trabalho baseia-se nas evidências aqui apresentadas de que o Guajá, por meio de processo morfológico, expressa a categorização do mundo em domínios relevantes para seus falantes, deixando subentendido, por conseguinte, que cada língua vai apresentar estratégias de categorização do mundo de formas tipologicamente distintas. Assim, ainda que línguas geneticamente relacionadas usem morfemas cognatos, é possível encontrá-los exercendo funções relativamente diferenciadas, porque, cada língua e cada cultura são únicas e, no processo de categorização linguística, cada uma imprime sua própria visão de mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERRA, Daniel. *Prototype Theory in Cognitive Linguistics*, 2006. ResearchGate. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/267512473_Prototype_Theory_in_Cognitive_Linguistics. Acesso em: 18 nov. 2022.
- AIKHENVALD, A. Y. *Classifiers: a typology of noun categorization devices*. Oxford linguistic, New York: Oxford, 2000.
- BECKER, A.L. *A Linguistic image of nature: the Burmese numerative*, 1975.
- BERTO, Flávia de F.; MAGALHÃES, Marina M. S. (a ser publicado). Coletânea de textos elaborados pelos alunos da escola indígena Awá.
- BONFIM, E.; AGUIAR, M. *Categorias ontológicas e afixos taxonômicos em línguas ameríndias*. Revista Científica da UBM, v. 23, n. 45, p. 26-36, 5 jul. 2021.
- BYBEE, J. L. *Morphology: A Study of Relation between Meaning and Form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.
- CRUZ, Aline da; MAGALHÃES, Marina Maria Silva; PRAÇA, Walkíria Neiva. *A morfologia transcategorial e sua relação com o padrão omnipredicativo em línguas da família Tupi-Guarani*. ReVEL, Novo Hamburgo, v. 17, n. 32, 2019, p. 69-94, 2019.
- FRANCHETTO, Bruna; MEIRA, Sérgio; KUIKURO, Ashaua. *Operadores ontológicos ameríndios*. Comunicação oral apresentada no Simpósio de Morfossintaxe – Classificação nominal: gramática, discurso, tipologia – no evento AMAZONICAS VIII, UFG e UnB, 2021.
- CANTOR, Georg. Ueber eine Eigenschaft des Inbegriffs aller reellen algebraischen Zahlen. *In: Journal für die reine und angewandte Mathematik*, 1874, p. 258-262. Disponível em: <http://eudml.org/doc/148238>. Acesso em: 3 maio 2023.
- DENÓFRIO, J. P. M. *La mort est dans la vie: contre-métamorphose et ascension Kagwahiva*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social – École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris, 2013.
- DERBYSHIRE, Desmond C.; PAYNE, Doris L. Noun Classification Systems of Amazonian Languages. *In: Payne, Doris L. (ed.), Amazonian Linguistics, Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press, 1990, p. 243-271.
- FOLEY, William A. *Anthropological Linguistics: An Introduction*. Malden, MA: Blackwell Publishers, 1997.
- FORLINE, Louis Carlos. *The persistence and cultural transformation of the Guajá indians: foragers of Maranhão state, Brazil*. Tese de Doutorado em Antropologia – University of Florida, Gainesville, 1997.
- FORLINE, Louis Carlos; POZZOBON, Jorge. O Que será dos índios “isolados”? *In: FORLINE, L. C.; MURRIETA, R. S. S.; VIEIRA, I. C. G. (Orgs.). Amazônia. Além dos 500 anos*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2006. p. 541-566
- GABAS Jr., Nilson. *A Grammar of Karo, Tupi, (Brazil)*. Tese de Doutorado em Linguística – University of California, Santa Barbara, 1999.

- GARCIA, Uirá F. *Crônicas de caça e criação*. São Paulo: Hedra; Fapesp. Coleção Mundo Indígena, 2018.
- GARCIA, Uirá F.; MAGALHÃES, Marina M. S. *Povos indígenas no Brasil (Guajá)*. Instituto Socioambiental, 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guajá>. Acesso em: 23 maio 2022.
- GIVÓN, T. Prototypes: between Plato and Wittgenstein. In: C. Craig (ed.). *Noun Classes and Categorization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1986.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax*. Volume I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.
- GOMES, Dionei M. *Estudo morfológico e sintático da língua Mundurukú (Tupí)*. Tese de Doutorado em Linguística – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- HEMMING, John. *Red gold: the conquest of the Brazilian Indians*. Macmillan, 1978.
- KILARSKI, Marcin. *Nominal Classification: A history of its study from the classical period to the presente*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2013.
- LAKOFF, George. Categories: An essay in cognitive linguistics. In: *Linguistic Society of Korea*, ed., *Linguistics in the morning calm*. Seoul, Hanshin, 1982.
- MAGALHÃES, Marina Maria Silva. A gramaticalização de verbos em partículas na língua Guajá e sua relação com a omnipredicatividade. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 14, n. 3, p. 897-918, set./dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222019000300011>. Disponível em: Disponível em: http://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-812220190003000897. Acesso em: 21 ago. 2022.
- MAGALHÃES, Marina Maria Silva. *Sobre a Morfologia e a Sintaxe da Língua Guajá (Família Tupi-Guarani)*. Tese de Doutorado em Linguística – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- MAGALHÃES, Marina Maria Silva & FERREIRA, Dimitria Giovanna Costa. O Continuum entre Flexão e Derivação nos Sufixos Intensificador e Atenuativo da Língua Guajá. *Cadernos de Etnolinguística ISSN: 1946-7095*, (vol. 9, no. 1), dez. 2021. Disponível em: <https://http://www.etnolinguistica.org/article:vol9n1-3>. Acesso em: 29 maio 2023.
- MAGALHÃES, Marina Maria Silva; MATTOS de, Ana Cristina Rodrigues. Classes de palavras, tipos de predicados e sua relação com a intransitividade cindida em Guajá. *Via Litterae*, v. 6, n. 2. Anápolis: jul./dez. 2014, p. 251-284.
- PRAÇA, Walkíria Neiva. *Morfossintaxe da língua tapirapé (Família Tupi-Guaraní)*. 282 f. Tese de Doutorado em Linguística – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- REGÚNAGA, María Alejandra. *Tipología del género en lenguas indígenas de América del Sur*. Tese de Doutorado em Letras – Universidad Nacional del Sur, Bahía Blanca, 2012.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna & CABRAL, A. S. A. C. Tupían. In: Lyle Campbell and Verónica Grondona. (Org.). *The Indigenous Languages of South America*. 1ed. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, 2012, v. 2, p. 495-574.
- ROSCHE, E. Principles of categorization. In: E. Rosch, & B. B. Lloyd (Eds.), *Cognition and categorization*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1978.

ROYEN, Gerlach. *Die nominalen Klassifikationssysteme in den Sprachen der Erde*. Historischkritische Studie, mit besonderer Berücksichtigung des Indogermanischen. Mödling bei Wien: Anthropos, 1929.

SILVA, T. F. *História da língua Tenetehára: contribuição aos estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da família Tupí-Guaraní do tronco Tupí*. Tese de doutorado em Linguística – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SEKI, Lucy. *Gramática do Kamaiurá: Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

TAYLOR, J. R. *Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford: Clarendon, 1995.

TELLES, S. *Fonologia e gramática Latundê/Lakondê*. Tese de doutorado em Linguística – Vrije Universiteit, Amsterdam, 2002.

VAN DER VOORT, Hein. Sistemas de classificação nominal no Sudoeste amazônico. *MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras*, [S.l.], n. 43, p. 06-22, out. 2016. ISSN 0104-0944, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v2i43.3836>. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/3836>. Acesso em: 10 jun. 2022.

WITTGENSTEIN, Ludwig Josef Johann. *Philosophical Investigations*. New York: Wiley-Blackwell, 1953.